



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Fabiana Julião de Souza Lapa

**Da gênese dos cadernos às intervenções no *Quarto de Despejo*: o processo
editorial para recepção da obra de Carolina Maria de Jesus**

Rio de Janeiro

2020

Fabiana Julião de Souza Lapa

Da gênese dos cadernos às intervenções no *Quarto de Despejo*: o processo editorial para recepção da obra de Carolina Maria de Jesus



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius Nogueira Soares

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

J58 Lapa, Fabiana Julião de Souza.
Da gênese dos cadernos às intervenções no Quarto de despejo: o processo editorial para recepção da obra de Carolina Maria de Jesus / Fabiana Julião de Souza Lapa. - 2020.
83 f.: il.

Orientador: Marcus Vinícius Nogueira Soares.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 - Crítica e interpretação – Teses. 2. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977. O quarto de despejo – Teses. 3. Escritoras negras - Narrativas pessoais – Teses. 4. Memória autobiográfica - Publicações – Teses. I. Soares, Marcus Vinícius Nogueira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fabiana Julião de Souza Lapa

Da gênese dos cadernos às intervenções no *Quarto de Despejo*: o processo editorial para recepção da obra de Carolina Maria de Jesus

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 09 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcus Vinícius Nogueira Soares (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Anna Faedrich Martins Lopez
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2020

Ao Maurício, meu companheiro de jornada; aos meus filhos Giovanna, João Maurício e Mariana; ao Bento, meu neto.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cleverson e Serli, por serem exemplo, força, amor e incentivo;

À minha irmã, Juliana, companheira de vida, meu anjo protetor. Gratidão por ser colo, escuta e luz nos meus dias claros e nos nem tanto;

À Cinthia e Isabel, pela irmandade e por seguirem comigo, de mãos dadas, há 30 anos.

Aos amigos de caminhada acadêmica, Patrícia, Vinícius, Raphael, Leonardo, Nathália e Otávio, pelo apoio incondicional. À Danielle, pela presença incansável em todos os difíceis processos que o mestrado nos exige, pela amizade, carinho e dedicação.

Aos professores Leonardo Davino e Anna Faedrich, por contribuírem para este processo de aperfeiçoamento;

Ao professor e orientador, Marcus Vinícius, meu especial agradecimento não só pelas contribuições pertinentes ao trabalho, mas também pelo acolhimento que recebi em um momento tão difícil e delicado;

À professora Ana Cristina dos Santos (*in memoriam*), amiga, mestra e que, grande demais para não ser estrela, foi exercer seu protagonismo em outro plano, tamanha sua grandiosidade;

A todos os que, de alguma forma, contribuíram para que a concretização deste sonho fosse possível.

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

LAPA, Fabiana Julião de Souza. **Da gênese dos cadernos às intervenções no Quarto de despejo**: o processo editorial para recepção da obra de Carolina Maria de Jesus. 2020. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A narrativa de cunho testemunhal, realizada nos diários de Carolina Maria de Jesus, é uma construção discursiva que trabalha o gênero em sua versão mulher negra, escritora, e a recusa de sua condição humana em ser despejo na sociedade desigual que a empurrou para a miséria. É diálogo entre conceitos como identidade, memória, espaço, linguagem e cultura, retratados em sua escrita diária, pensando no binômio indivíduo e ambiente social como um processo dinâmico de transformações. Elencando a narrativa testemunhal feminina como um dos tantos dilemas no processo de representação, tendo em vista a invisibilidade da mulher escritora, especialmente a negra, ao longo da história, o presente trabalho tem como objetivo analisar o percurso editorial da primeira obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo–Diário de uma favelada*, do momento em que o jornalista Audálio Dantas teve acesso aos seus escritos em cadernos que Carolina recolhia nos lixos até o lançamento do livro. Discutiremos a necessidade de uma segunda voz para fazer ouvir uma outra silenciada e analisaremos a produção editorial, propondo uma reflexão sobre o processo de intervenção, na intenção de tornar um texto convenientemente “adequado à leitura”, normatizando a obra escrita. As supressões de termos do conteúdo original, bem como as correções ortográficas se distanciam do discurso de manutenção da originalidade da obra produzida por uma favelada que teve acesso à educação escolar por dois anos e reforçam o protagonismo do jornalista e também editor nesse processo, influenciando e direcionando a narrativa do diário.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Narrativa testemunhal. Processo editorial.

ABSTRACT

LAPA, Fabiana Julião de Souza. **From the genesis of notebooks to interventions in the Dump room**: the editorial process for receiving the work of Carolina Maria de Jesus. 2020. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The testimonial narrative, carried out in the diaries of Carolina Maria de Jesus, is a discursive construction that works with gender in its black woman, writer version, and the refusal of her human condition to be evicted in the unequal society that pushed her into misery. It is a dialogue between concepts such as identity, memory, space, language and culture, portrayed in his daily writing, thinking of the binomial individual and social environment as a dynamic process of transformations. Listing the female testimonial narrative as one of the many dilemmas in the representation process, in view of the invisibility of the woman writer, especially the black woman, throughout history, the present work aims to analyze the editorial path of the first work of Carolina Maria de Jesus, Room of Eviction - Diary of a favela, from the moment when journalist Audálio Dantas had access to his writings in notebooks that Carolina collected in the garbage until the book was released. We will discuss the need for a second voice to make another voice heard and analyze the editorial production, proposing a reflection on the intervention process, with the intention of making a text conveniently “suitable for reading”, standardizing the written work. The deletion of terms from the original content, as well as the spelling corrections, distance themselves from the discourse of maintaining the originality of the work produced by a favela that had access to school education for two years and reinforce the role of the journalist and also editor in this process, influencing and directing the diary narrative.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Testimonial Narrative. Editorial Intervention

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Entrevista de Carolina Maria de Jesus ao jornalista Willy Aureli.....	22
Figura 2 - Revista <i>O Cruzeiro</i> – 20/06/1959 – Edição nº 36. Página I	26
Figura 3 - Revista <i>O Cruzeiro</i> , de 20 de junho de 1959, edição de número 36. Página II	26
Figura 4 - Notícia sobre a assinatura do contrato entre Carolina de Jesus e a editora Francisco Alves	27
Figura 5 - Segunda edição do Festival do Escritor Brasileiro	30
Figura 6 - Dedicatória feita no livro <i>Quarto de Despejo</i> constatando que o objetivo da escrita nos cadernos, posteriormente transformados em diários, não era a publicação	33
Figura 7 - Revista <i>O Cruzeiro</i> , edição 106/59 -.....	34
Figura 8 - Prefácio de <i>Quarto de Despejo</i> , escrito por Audálio Dantas	35
Figura 9 - Nota dos editores	35
Figura 10 - Casa de Carolina Maria de Jesus	37
Figura 11 - Carolina carregando os resíduos que achava no lixo	44
Figura 12 - Carolina Maria de Jesus, em São Paulo	44
Figura 13 - Manuscrito de Carolina Maria de Jesus – BN (47, GAV1, 07, p. 81)	46
Figura 14 - Manuscrito de Carolina Maria de Jesus – BN (47, GAV1, 07, p. 82)	47
Figura 15 - Manuscrito de Carolina Maria de Jesus – BN (47, GAV1, 07, p. 83)	48
Figura 16 - Carolina Maria de Jesus escrevendo	50
Figura 17 - Carolina na favela do Canindé	52
Figura 18 - Carolina em seu barraco, na Favela do Canindé	53
Figura 19 - Nota sobre o lançamento de <i>Quarto de Despejo</i> na <i>Folha de São Paulo</i> – 19/08/1960	59
Figura 20 - Nota sobre o lançamento de <i>Quarto de Despejo</i> no <i>Estado de São Paulo</i> – 19/08/1960	60
Figura 21 - <i>O Estado de S. Paulo</i> - 25/9/1960	61
Figura 22 - Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas juntos no lançamento de <i>Quarto de Despejo</i>	61
Figura 23 - Carolina Maria de Jesus no lançamento de <i>Quarto de Despejo</i>	62
Figura 24 - Carolina Maria de Jesus no lançamento de <i>Quarto de Despejo</i>	62
Figura 25 - Carolina Maria de Jesus no aeroporto	63
Figura 26 - Revista <i>O Cruzeiro</i> - 1960, edição 004, página 41	64

Figura 27 - Revista <i>O Cruzeiro</i> - 1960, edição 005, página 137	65
Figura 28 - Revista <i>O cruzeiro internacional</i> - 1960, edição 24, página 58	66
Figura 29 - Revista <i>O cruzeiro internacional</i> - 1960, edição 24, página 59	67
Figura 30 - Revista <i>O cruzeiro internacional</i> - 1960, edição 24, página 60	68
Figura 31 - Revista <i>O cruzeiro internacional</i> - 1960, edição 24, página 61	69
Figura 32 - Periódico <i>Letras da Província</i> - 1960, edição 141-142, página 3	70
Figura 33 - Periódico <i>Diário Carioca -RJ/</i> 1960, edição 141-142, página 5	71
Figura 34 - Carolina no relançamento de <i>Quarto de Despejo</i> – 1976	75
Figura 35 - Carolina Maria de Jesus em seu sítio, em Parelheiros, 1969	76
Figura 36 - Reportagem sobre Carolina Maria de Jesus já em Parelheiros, 1969	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PROTAGONISMO: CONTRASTES E CONFRONTOS	17
1.1 Os caminhos de Carolina Maria de Jesus	18
1.2 A construção da identidade: os perfis de Carolina e a cena literária	28
2 A GÊNESE DOS CADERNOS	40
2.1 Do <i>Quarto de Despejo</i> à sala de visitas	40
2.2 O processo editorial: diálogos com o editor	45
3 O PERCURSO EDITORIAL DO <i>QUARTO DE DESPEJO</i>	51
3.1 O corpo da escrita e as mãos do editor: uma edição conveniente	52
3.2 A edição de ouro: a recepção de <i>Quarto de Despejo</i>	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	78
ANEXO	80

INTRODUÇÃO

Mulher, negra, catadora do lixo que a cidade descarta, mãe solteira cujo temperamento era classificado como explosivo e instável, escritora favelada – expressão que ganharia destaque nos cenários nacional e internacional da década de 1960. Carolina Maria de Jesus, cuja ascensão ocorreu de maneira tão súbita quanto sua queda, foi de catadora de lixo à escritora de *best-seller*; de porta-voz da favela ao completo esquecimento. Em 1958, as versões de escritora, poeta, diarista, cronista e compositora de Carolina foram conhecidas por um jovem jornalista chamado Audálio Dantas, incumbido de uma reportagem na favela do Canindé, em São Paulo. Após a promessa de que os relatos diários que ali estavam descritos se tornariam um livro, o jornalista, diante de uma inédita e promitente descoberta, selecionou e trabalhou no tratamento de cada página para publicação, usando a mídia para divulgar a obra intitulada *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*.

A narrativa autobiográfica realizada nos diários de Carolina Maria de Jesus é uma construção discursiva que trabalha a escrita testemunhal com a recusa de sua condição humana em ser despejo, na sociedade desigual que a empurrou para a miséria, apresentando o binômio indivíduo e ambiente social como um processo dinâmico de transformações. Parte integrante de um espaço miserável que também representa a solidão de um mundo devastado por genocídios raciais, Carolina sofre as reminiscências de um processo escravagista, onde a cor marca posição ao longo de sua vida. Também se reinventa diante da máquina burocrática instalada na “sala de visitas”, que é a cidade, cujas instituições oficiais tratam favelados com desprezo, soberba e estigmatização.

O tratamento dado ao livro transforma a obra em um produto de consumo sobre a realidade das favelas, pouco conhecida até então. O grande sucesso do diário de Carolina Maria de Jesus se deu com um modelo de sujeito que divergia da imagem do escritor de renome e de textos então canonizados pela instituição literária. No limiar dos anos 60, o mundo passa a ouvir as vozes das chamadas minorias sociais, sempre silenciadas.

Falar sobre silêncio no Brasil, particularmente quando assumimos a sonoridade da leitura, implica admitir a democratização do livro e sua análise como produto social que vai além da formulação de ideias. Com isso, pretende-se abrir a porta mor de um labirinto que, ao fim, poderia levar à compreensão dos motores implícitos e explícitos na relação entre o sucesso e o fracasso editoriais no Brasil. Poderia também promover o entendimento da mediação entre editores e a sociedade de consumo desse tipo de bem mercadorizado. Poderia, por outro ângulo, iluminar o

obsuro palco da crítica literária nacional que, por falar só para si, extrai de sua responsabilidade a comunicação com o público em geral. (MEIHY, 1998)

Quarto de despejo, cujo texto foi fixado por Dantas, teve como objetivo oferecer uma leitura para o público em geral. Não há caderno que tenha sido publicado integralmente e a tendência observada é a de restringir cada vez mais os trechos para publicação, à proporção que os cadernos se acumulavam. Uma das razões apontadas por Audálio Dantas para o grande número de supressões apoia-se no fato de que, na ânsia de escrever tudo, Carolina tudo repete, ainda que se saiba que a narrativa da sua rotina de chefe de família, catadora de papel que não consegue armazenar seu alimento por mais de dois dias consecutivos, não tinha muita variação. Há que se ressaltar, ainda, que raramente o cotidiano humano foge ao ritual diário da sobrevivência.

Com o propósito de delinear o percurso de criação do texto e adentrar os limites da influência do jornalista, o objetivo final deste trabalho é analisar o percurso editorial da primeira obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*, do momento em que o Dantas teve acesso aos seus escritos em cadernos, utilizados como diários, até o lançamento do livro, marcante para o aprofundamento de sua discussão nos dias atuais. Não apenas na edição inicial, como nas seguintes, vide o prefácio da edição de 1960, Audálio Dantas afirma que respeitou a grafia e a narrativa do manuscrito “sem alterar uma palavra para compor o livro”, embora alterações e direcionamentos da escrita reforcem a hipótese do seu protagonismo, também como editor, nesse processo, influenciando a escrita do diário.

Para analisarmos o grande êxito do *Quarto de Despejo*, é preciso traçar um paralelo com o contexto histórico vivido no Brasil, no final dos anos 1950 e 1960.

Motivados pelo cenário político, os erros dos projetos de governo apareciam na vida dos pobres urbanos. Carolina Maria de Jesus seria uma prova flagrante das atrocidades que mereciam vir a público naquele instante, pois a democracia implicava críticas que, àquela altura, eram históricas. Sua experiência de favelada expunha ao coletivo uma chaga feia, atestado das falhas de projetos vigentes, de desenvolvimento econômico e programa social, encetados por governos federais em nome da modernização do país. Histórias como a de Carolina acarretavam críticas primeiro ao projeto nacional varguista, que teria se arvorado em protetor dos pobres e que, afinal, perenizou a condição dos desempregados contrastando suas alternativas de sobrevivência com as dos empregados. O governo de JK, por sua vez, desfocando o projeto de desenvolvimento das camadas socialmente desfavorecidas, evitou a atenção à base em favor da criação de uma classe média e de uma burguesia capazes de nutrir a produção e o consumo, promovidos pelas multinacionais que chegavam ao país. (MEIHY, 1998)

O país passava por uma época de fortes transformações culturais e políticas. Tivemos no país, sob o comando do então presidente Juscelino Kubitschek, movido pelo slogan “50 anos em 5”, a ascensão da indústria de base, com surgimento de companhias estatais, além da

chegada de importantes montadoras internacionais e da construção do parque automobilístico nacional. Os anos Kubitschek foram de grandes transformações econômicas, sociais, culturais e políticas no Brasil, com o surgimento de um grande parque industrial, expansão do comércio, dos serviços, forte investimento em infraestrutura e profundas modificações na estrutura social. Essa estratégia trouxe o estabelecimento de várias multinacionais no país e o crescimento econômico acelerado levou a um efervescente processo de êxodo rural. Camponeses, movidos pelo ideal das grandes cidades, criavam um contingente cada vez mais amplo em ambientes urbanos. O texto de Carolina de Jesus surge em meio ao clamor das reivindicações das minorias e revela um ambiente pouco conhecido até então: a favela.

O nacionalismo se expressava nas campanhas de defesa da Amazônia, que, juntamente com a efetividade dos movimentos sociais causados pela migração intensa, contavam o drama de parcela marginalizada do progresso prometido. Certamente a ação dos chamados "padres vermelhos", tachados de comunistas pelo apoio dado às Ligas Camponesas, e a obsessiva preocupação norte-americana em relação ao continente depois do sucesso da Revolução Cubana de 1959 fizeram com que os ânimos políticos da coletividade nacional ficassem mais expostos. Juntamente com os movimentos estudantil, de camponeses, de funcionários públicos e sindicalizados, os pobres começavam a ser personagens presentes na vida nacional, manifestando-se como grupo de influência. Se no caso dos estudantes e dos empregados os recursos de participação dimensionavam-se através de greves e de outras táticas de atuação, no caso dos pobres urbanos a crescente influência no processo eleitoral os transformava em grupo que tinha peso. Peso duplo, aliás, pois tanto atuavam no setor eleitoral quanto como tema de campanhas destinadas a outras camadas sociais. Motivados pelo cenário político, os erros dos projetos de governo apareciam na vida dos pobres urbanos. Carolina Maria de Jesus seria uma prova flagrante das atrocidades que mereciam vir a público naquele instante, pois a democracia implicava críticas que, àquela altura, eram históricas. Sua experiência de favelada expunha ao coletivo uma chaga feia, atestado das falhas de projetos vigentes, de desenvolvimento econômico e programa social, encetados por governos federais em nome da modernização do país. (MEIHY, 1998)

Ao expor a realidade miserável da comunidade, Carolina Maria de Jesus transformou-se em personalidade nacional – a voz da favela. O imaginário brasileiro estava ávido por mudanças, pela busca de soluções para os problemas sociais. Carolina passou a ser convidada para festas ilustres, eventos filantrópicos, programas de televisão, entre outros. *Quarto de Despejo* foi traduzido para treze línguas e publicado em mais de quarenta países.

No capítulo 1, “Protagonismo: contrastes e confrontos”, apresentamos uma breve biografia da escritora, analisando as condições de seu percurso, a construção de seu protagonismo diante das adversidades vivenciadas e a cena literária, com a elitização do cânone e a exclusão da mulher, sobretudo as negras. No capítulo 2, “A gênese dos cadernos”, dando continuidade à trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus, damos ênfase à escritora, suas memórias e seus primeiros registros.

Em seguida, no capítulo 3, “O percurso editorial do *Quarto de despejo*”, analisamos o contexto favorável à obra, desde a esfera política, até a literária. Os textos de reportagens e o cotejo dos manuscritos com o diário publicado levou-nos a inferir que o sucesso de sua recepção ocorreu não só por mecanismos publicitários, editoriais e ideológicos que nortearam a seleção dos trechos editados, mas por conta de uma escrita enfatizando as agruras do dia a dia na favela, a fome e o lixo, sobre a qual foi composto um perfil predeterminado da autora. Discutiremos o fato da seleção estratégica dos manuscritos e a daquele formato de texto ajudarem a construir o estereótipo de uma personagem do povo, com pouca escolaridade, além do fato do editor ter suprimido grande parte do que se refere ao interesse pelos livros em geral, pelo que diz respeito à educação formal e às muitas manifestações políticas.

No que tange à metodologia, trabalhamos com fontes bibliográficas primárias e secundárias. Inicialmente, demos ênfase à leitura do livro-diário, publicado e intitulado *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*, a fim de analisarmos a produção bibliográfica da autora. Por conseguinte, efetivamos leituras dos teóricos da literatura, como Philippe Lejeune, que pesquisou a escrita de si e os diários, e argumenta: “o que define a autobiografia para quem lê, é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio” (Lejeune, 2008, p.53). Para Lejeune, esse pacto biográfico garante a veracidade do relato: trata-se de um modo de leitura em que o narrado é tomado como inquestionável.

Lejeune parte da definição de que autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2008, p. 14). O texto autobiográfico deverá, portanto, tratar da vida pessoal do autor em sua plenitude, mesmo que para isso apresente também crônica e história social, uma vez que todo indivíduo faz parte do mundo. A pluralidade e complexidade da vida humana farão com que o texto autobiográfico transite com outras modalidades de escrita do eu, como as memórias, por exemplo, no caso de Carolina Maria de Jesus.

Dialogando com Lejeune, trazemos o historiador francês Roger Chartier para discutir as intervenções nos textos e a importância das “mãos do editor” no processo editorial. Isso nos traz a reflexão se a mesma obra é, de fato, a mesma, quando muda sua linguagem, seu texto ou sua pontuação. Também trabalhamos com Stuart Hall, que discute as relações de poder, de subordinação e dependência, os conflitos de identidade e culturais do sujeito, das coletividades e os deslocamentos forçados, questões essas trabalhadas na obra de Carolina. A saída de Sacramento e as muitas mudanças na tentativa de uma vida melhor fazem com que, a cada chegada, um novo processo de adaptação e reterritorialização nos espaços fossem

necessários. Trabalhamos com o professor e pesquisador José Carlos Meihy, cujos trabalhos nos trazem o diálogo com o contexto histórico e com a análise da obra de Carolina Maria de Jesus.

Além de voz da intimidade e porta-voz da coletividade, vemos que *Quarto de despejo* constitui um exercício em que Carolina descreve algumas etapas de sua formação de escritora rumo à realização de um desejo, ainda que o recorte dado por Audálio Dantas buscasse privilegiar um outro aspecto sobre os demais. Assim, a leitura comparada de *Quarto de despejo*, os manuscritos da autora e seus relatos em entrevistas levam-nos a refletir a respeito da analogia registrada por Carolina nas páginas do diário publicado: “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra”.

A conquista realizada pelas mulheres no campo da escrita é fruto de um longo processo de lutas e reivindicações contra um silenciamento causado por uma sociedade na qual tiveram, por muito tempo, e ainda têm, sua importância diminuída e subjugada. Para a mulher negra, questões relacionadas aos poderes de fala e de escrita são ainda maiores, pois, além da opressão de gênero, o fator racial contribui para que se agrave seu processo de marginalização. Assim, é perceptível a invisibilidade de escritoras negras em nossa literatura, uma vez que ficou relegada a estas a marginalização e o esquecimento por parte de nosso cânone literário. Em um processo de subalternização realizado por um sistema social hegemônico, elitista e excludente, a produção de escritoras negras ficou relegada ao silenciamento. Por conseguinte, sendo a mola propulsora deste trabalho, torna-se importante dar visibilidade à escrita de *Quarto de Despejo* evidenciando a necessidade de uma voz masculina sobre a de Carolina, refletindo sobre estigmas socioculturais e sobre um novo discurso em relação à mulher.

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo da mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito mulher negra, que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54)

Esta dissertação também é um convite à reflexão, remetendo-nos à Gayatri Spivak, em *Pode o subalterno falar?*, quanto à promoção das condições necessárias para que estes sejam capazes de falar por si mesmos, com a autorrepresentação. Paralelamente à Spivak, utilizamos

o filósofo, teórico político, historiador, Achille Mbembe, em *Necropolítica*. O autor parte do pressuposto “que a expressão máxima da soberania reside em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”, razão pela qual “matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais”. (MBEMBE,2018, p. 8)

Mbembe preocupa-se, sob uma ótica inteiramente diversa, com aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações. Em *Quarto de Despejo*, os corpos humanos e as populações estão inseridas no Canindé. Do mesmo modo, trouxemos a pesquisadora, escritora e crítica literária Regina Dalcastagnè para dialogar sobre a autorrepresentação de grupos marginalizados

A hierarquia velada, que apagou vozes essenciais na literatura, como as de Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, fixou-se, lamentavelmente, por outras mais fortes, e, há pouco, começam a ser ouvidas. Carolina Maria de Jesus escreveu sua rotina nos cadernos encontrados no lixo para não desistir da vida, cadernos esses cuja escrita tornou-se atraente num contexto propício. Faz-se urgente reconstituir um tempo no qual pessoas sejam contempladas individualmente, reconhecidas em sua igualdade, assim como faz-se urgente a compreensão de que num contexto de discriminação e poder, o homem branco se sobrepõe, seja no convívio em sociedade, seja no contexto editorial.

1 PROTAGONISMO: CONTRASTES E CONFRONTOS

A construção da identidade é um processo de transformação, de trocas e de identificações. Dessa forma, o escritor afro-brasileiro, ao recontar seu passado de abusos e silenciamentos, firma-se, ainda que à margem, como senhor de uma história que só poderia ser contada de forma tão incidente por aqueles que a viveram. Nesse processo de construção da identidade na literatura, é pertinente salientar que a escrita feminina, embora ocultada por muito tempo pelo véu da pobreza e da falta de instrução, vinculada à exclusão racial e de gênero, ganha destaque com Carolina Maria de Jesus. A obra dessa escritora, precursora de seu tempo, marca uma literatura no cenário cultural brasileiro, reconstruindo conceitos que tratam de desigualdades, desumanização e subalternização, evidenciadas sob o olhar da sociedade.

Carolina Maria de Jesus retrata o quão importante é a lembrança para a construção das memórias social e cultural, e como estas contribuem para a própria formação. O processo de afirmação da identidade e a enunciação da diferença pressupõem o desejo de diferentes grupos sociais imporem sentidos, valores, regras, visto que o poder está presente, tecendo essas relações. Um poder que assim como produz identidades, produz diferenças no tecido social, no mundo dividido em grupos, em classes. Segundo Stuart Hall (2000),

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2000, p.109)

De certo modo, as dúvidas e os questionamentos de Carolina Maria de Jesus apontam para essa maneira de sobreviver de forma isolada. Em contraposição ao silêncio, acaba por demonstrar a insatisfação e o desconforto com a vida exterior que a atingem e a levam a passar os dias na favela não interagindo com os que ali estavam. Em um mundo conquistado e dominado por homens brancos, a escritora se reafirma enquanto protagonista de um discurso até então silenciado, de uma minoria que a cidade descarta e empurra para o “quarto de despejo”.

Após o intervalo de quase três décadas, Carolina Maria de Jesus passou a ser lembrada no meio acadêmico a partir dos anos 1990. A primeira pesquisa substancial ocorreu em 1995, por meio da parceria entre o professor norte-americano Robert M. Levine e o historiador brasileiro José Carlos Bom Meihy, que resultou no livro de depoimentos biográficos

Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus. A pesquisa também deu origem a dois títulos póstumos da autora, lançados em 1996: *Meu estranho diário*, elaborado por ambos, e *Antologia pessoal*, organizado por Meihy. A primeira obra foi constituída por meio de fragmentos dos manuscritos do acervo de Carolina de Jesus, e a segunda reúne poemas inéditos da autora.

Diz o brasileiro
Que acabou a escravidão
Mas o colono sua o ano inteiro
E nunca tem um tostão

Se o colono está doente
É preciso trabalhar
Luta o pobre no sol quente
E nada tem pra guardar
(JESUS, 1996, p.147)

1.1 Os caminhos de Carolina Maria de Jesus

Sacramento, 14 de março de 1914. Nasce Carolina Maria de Jesus, filha de Maria Carolina de Jesus, a Dona Cota, doméstica, natural de Desemboque, distrito de Sacramento, Minas Gerais, de João Cândido Veloso, natural de Araxá, também nas Minas Gerais. Esboçando sempre a curiosidade de conhecer o pai, o que nunca ocorreu, Carolina escreveu:

Eu invejava minha mãe por ter conhecido seu pai e sua mãe. Várias vezes pensei interroga-la para saber quem era meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais importantes eram minha mãe e meu avô [...] Um dia, ouvi de minha mãe que meu pai era de Araxá e seu nome era João Cândido Veloso. E o nome da minha avó era Joana Veloso. Que meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um termo de roupas. Quando ela lavava sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo. (JESUS, 2014, p. 14)

Mesmo após a abolição, cidades como Sacramento passaram a adotar o hábito de “criar” jovens meninos e meninas negros, em regime análogo ao da escravidão, para cuidarem dos diversos serviços da Casa Grande, como preparar comida das famílias, arrumação das casas, lavagem de roupas, entre outros, sem qualquer remuneração. Um desses jovens “criados” por uma família branca foi o mulato Osório Pereira, que, cansado da exploração sofrida, escolheu casar para fugir dessa vida escrava. Casou-se então com Cota, a mãe de Carolina. Ainda que o

casamento não tivesse dado certo, da união nasceu Jerônimo de Jesus Pereira, irmão materno de Carolina, cujo paradeiro é desconhecido. Quando Cota conheceu o pai de Carolina Maria de Jesus, João Cândido Veloso – seresteiro boêmio – e dele engravidou, ainda era casada no papel com Osório, o que gerou indignação para uma cidade do interior conservadora no século XX. (FARIAS, 2017).

Cota precisou arranjar um emprego para sustentar o filho pequeno e manter a casa, visto que seu então marido, Osório, não era provedor. Cota morava, assim como os demais irmãos, no terreno do pai, Benedicto José da Silva e sua segunda mulher, Siá Maruca, sua madrasta. Foi abandonada pelos dois companheiros: o primeiro, que declaradamente assumiu que se casou com ela pra fugir da tutela e a abandonou com um filho pequeno nos braços, e pelo segundo, que desapareceu no mundo, largando-a com Carolina nos braços. Carolina Maria de Jesus, a pequena Bitita, passou a filha bastarda: a mãe não se casou com Veloso, nem se separou oficialmente de Osório. (FARIAS, 2017) Sobre o pai, Carolina registrou:

Com ampla liberdade, a minha mãe dançava e passeava as noites com os amigos, e foi ficando inebriada com as carícias dos seus amigos de bangulê. Foi nestes bailes inseletos que ela conheceu meu pai. Dizem que era um preto bonito. Tocava violão e compunha versos de improviso. Era conhecido como o poeta boêmio. (JESUS, 2014, p.72)⁴

O avô materno de Carolina, Benedicto José da Silva, era analfabeto, assim como os demais negros de sua geração. Era de origem africana, filho de pais africanos, talvez da última geração de negros vindos para o Brasil nos famigerados navios negreiros, ou tumbeiros, fazendo analogia à tumba, muito provavelmente pelas inúmeras mortes provocadas durante a travessia pelo mar. Benedicto era originário da província de Cabinda, em Angola. A população de Cabinda pertence, quase em sua totalidade, aos povos bantus, um grupo antigamente chamado Fiote, cuja língua, a cabinda, é considerada um dialeto.

O avô de Bitita um ancestral, no sentido literal da palavra, mantinha liderança local, atuava, com a participação de outros negros da cidade, em festas. Benedicto teria nascido por volta de 1852. Viveu por 20 anos com a fiel, Siá Maruca, após ter ficado viúvo. Teve oito filhos com a primeira esposa, a avó de Carolina, e foi apelidado de “Sócrates Africano” pelo então prefeito José Afonso de Almeida, seu amigo até o fim da vida, por sua grande

⁴ *Diário de Bitita* é uma obra póstuma, primeiramente publicada na França, sob o título de *Journal de Bitita* (1982). Conta a história da edição que Carolina Maria de Jesus entregou dois cadernos de manuscritos a uma jornalista brasileira, de nome Clélia Pisa, contendo os originais do livro

sabedoria, embora fosse analfabeto. Em um de seus depoimentos sobre a família, ainda menina, em Sacramento, Carolina disse sobre a casa do avô:

Quando minha mãe me batia, eu ia para a casa do meu avô. Era uma choça quatro águas, coberta de capim. Semelhante às ocas dos índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre! Ele catou quatro forquilhas e enterrou-as no chão. Pôs dois travessões e as tábuas. Era a cama com um colchão de saco de estopa cheio de palha. Uma coberta tecida no tear, um pilão, uma roda de fiar o algodão, uma gamela para lavar os pés e duas panelas de ferro. Não tinham pratos, comiam-se na cuia. (JESUS, 2014, p.29)

A alfabetização de Carolina foi subsidiada pela patroa de sua mãe, em Sacramento, cujas intenções foram narradas pela própria autora, também no livro *Diário de Bitita*:

Eu sou francesa. Não tenho culpa da Odisseia de vocês; mas eu sou muito rica, auxilio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser do tipo sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão. (JESUS, 2014, p. 126).

Embora tenha frequentado a escola por apenas dois anos, até o segundo ano primário, aprendeu a ler, a escrever, desenvolveu e cultivou o gosto pela leitura e o hábito da escrita. A primeira grande influência para a formação da autora foi seu avô, cuja posição moral era muito severa; uma segunda influência para Carolina foi o oficial de justiça mulato, Manoel Nogueira, que em todas as tardes, em frente a uma farmácia de Sacramento, lia para os negros que não sabiam ou não podiam ler. Suas leituras variavam entre jornais da época sobre a Segunda Guerra Mundial, os pensamentos de Rui Barbosa, de José do Patrocínio e os poemas de Castro Alves. Foi com ele que Carolina começou a exercitar seu pensamento crítico. Em 1923⁷, mudou-se junto à família para uma fazenda em Lajeado, também em Minas Gerais, onde sua mãe conseguiu um trabalho como lavradora.

No campo, não deu continuidade aos estudos pela falta de disponibilidade de escolas. Moraram na região até Carolina de Jesus completar treze anos, quando se mudaram para a cidade de Franca, no interior de São Paulo. Nessa altura, a jovem trabalhava como lavradora em uma fazenda e empregada doméstica, na cidade, para garantir seu sustento (BARCELLOS, 2006, p. 25). Depois, a família decidiu voltar ao município natal da escritora, Sacramento, no ano seguinte.

Passada quase uma década, em 1933, Carolina de Jesus foi presa, junto com sua mãe, pois lia a obra *Os Lusíadas*, de Camões, com o auxílio do *Dicionário Prosódico de Portugal e*

⁷ Dados cronológicos deste capítulo foram retirados da obra *Vida por Escrito: Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*, publicada em 2005, organizada pelo pesquisador Sergio Barcellos. O livro faz parte do projeto de mesmo nome que visava mapear, classificar e organizar o acervo da escritora.

Brasil, publicado no Porto, no final do século XIX, pelos autores Antônio José de Carvalho e João de Deus⁸. Diante do dicionário, moradores da região começaram a difundir a ideia de que a autora estava lendo, conforme seu relato, um exemplar do livro de São Cipriano, que ficou conhecido por abranger rituais de ocultismo e exorcismo. A denúncia foi levada ao sargento da região, que ordenou a prisão de Carolina de Jesus pela prática de feitiçaria, e sua mãe, por tentar defender a filha das calúnias.

Depois do ocorrido, torna-se andarilha até que, em 1937, e, seguindo um fluxo habitual de migração de brasileiros de baixa renda, decidiu se mudar para São Paulo, onde passou extrema dificuldade. Aos vinte e três anos, chegou a dormir em pontes e no portão de imóveis. Não se sabe ao certo em qual período a autora começou a escrever, mas deu o primeiro passo em busca de reconhecimento enquanto escritora em fevereiro de 1940. A autora conta que foi na redação dos jornais *Folha*⁹ e mostrou seus escritos para o jornalista e escritor Willy Aureli¹⁰. Na reportagem, o jornalista a descreveu como “bello espécime de mulher negra” (AURELI, 1940) e narrou parte do diálogo que teve com Carolina de Jesus. Pela primeira vez, foi chamada de poetisa e ganhou uma reportagem no *Folha da Manhã*. Sua foto ao lado de Aureli e um poema de sua autoria foram publicados no mesmo mês. Carolina de Jesus narra este encontro:

Falei com o distinto jornalista Vili Aureli. Mostrei-lhe os meus escritos e perguntei o que era aquilo que eu escrevia. Ele olhou-me minuciosamente, sorriu e respondeu-me: – Carolina, você é poetisa! – levei um susto, mas não demonstrei. [...] No fundo do coração eu agradeço o saudoso e ilustre Vili Aureli, por dizer-me que sou poetisa, porque, com dois anos de grupo escolar eu não ia perceber.

– Faça versos... Ninguém porém me leva a sério!
 – Como assim?
 – Ando pelas redações, e quando sabem que sou preta, mandam dizer que não estão... [...]
 – São uns ingratos...
 – O sr. quer ver alguma poesia de minha lavra?
 – Conceda-nos essa honra...

⁸ A 4ª edição do *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*, de 1890, foi digitalizada pela Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>

⁹ Trata-se do grupo *Folha*. É composto pelo jornal *Folha da Noite*, criado em 1921, sua edição matutina *Folha da Manhã*, fundada no mesmo ano, e a *Folha da Tarde*, lançada 24 anos depois. Em 1960, os três jornais se fundiram e surgiu o jornal *Folha de São Paulo*.

¹⁰ William Aureli (1898-1968) era natural de Santos, SP. Além de jornalista, foi grande escritor, com vasta produção, entre as quais *Sertões bravios* e *Terra sem sombra*.

¹⁰ William Aureli (1898-1968) era natural de Santos, SP. Além de jornalista, foi grande escritor, com vasta produção, entre as quais *Sertões bravios* e *Terra sem sombra*.

Exibe uns papéis, um caderno, uns recortes de revistas. Lê e declama. Com naturalidade e graça, optima dicção, tudo de mistura com o sorriso que é um raio de luz em tamanhas trevas... (AURELI, 1940, p. 39)¹¹

Figura 1 - Entrevista de Carolina Maria de Jesus ao jornalista Willy Aureli. A matéria saiu em 25 de fevereiro de 1940, na página III do suplemento do jornal *Folha da Manhã* (SP).



Fonte: *Folha da Manhã* (SP), 25 de fevereiro de 1940, *Suplemento*, página III — <http://acervo.folha.uol.com.br/fdm/1940/02/25/1/>

Entre os muitos deslocamentos na busca por uma vida melhor, sua identidade é construída através dos processos de percepção de seu sofrimento enquanto negra, pobre, mãe solteira, e da instauração de forte consciência de sua corporalidade.

¹¹ Todas as citações retiradas do livro *Quarto de Despejo* respeitam a ortografia original de Carolina Maria de Jesus.

[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me:
 – É uma pena você ser preta.

Esquecendo que eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde pões, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reicarnações, eu quero voltar sempre preta.

[...] Um dia, um branco disse-me:

– Se os pretos tivesse chegado ao mundo depois dos brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? (JESUS, 2015, p. 64,65)

Analisando seu lugar de escrita, criticamente doloroso na forma como vê e sente o mundo, Carolina exprime sua revolta ao tomar consciência de sua condição social com olhar apurado – o de quem está acostumada a dar valor ao que todos descartam: o lixo. Através de seu sofrimento, Carolina Maria de Jesus se estrutura através da escrita enquanto mecanismo de desabafo e denúncia. Como afirma Conceição Evaristo:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. (EVARISTO, 2009, p.18)

Para sobreviver na grande cidade, exerceu diversas atividades e chegou a ter muitos empregos, ao mesmo tempo, como empregada doméstica, mas não conseguiu se manter em nenhum deles. Sem alternativa, encontrou refúgio na favela do Canindé, atualmente extinta. Construiu sozinha o barraco às margens do rio Tietê, usando tábuas retiradas da construção de uma igreja a poucos quarteirões de distância. A escolha pela comunidade teve como base a localização estratégica, pois era situada próxima a um ferro velho. Para sobreviver, Carolina de Jesus começou a trabalhar como catadora de materiais recicláveis. Em 1948, depois de ter engravidado de um marinheiro português que a abandonou, depois de ter gerado seu primeiro filho, João José, Carolina de Jesus deu à luz seu segundo filho: José Carlos de Jesus, em 1950. Sua terceira filha, Vera Eunice de Jesus, nascida em 1953, foi fruto de um relacionamento que a poeta teve com um comerciante, cuja identidade nunca foi revelada.

Embora Carolina de Jesus já estivesse acumulando seus escritos desde a década de 1940, um fato que mudaria a sua trajetória ocorreu em 1958: o jornalista Audálio Dantas cruzou seu caminho. Em abril, durante uma campanha de eleições municipais, o repórter e fotógrafo do jornal *Folha da Noite*¹³ foi designado a cobrir a inauguração de uma praça próxima à favela

¹³ Atualmente, é o jornal *Folha de São Paulo*.

do Canindé. Ao chegar no local, Dantas testemunhou homens invadirem o parquinho e expulsarem crianças da comunidade de balanços e escorregas. Nesse momento, ouviu uma mulher negra dizer: “estou escrevendo um livro e vou colocar vocês todos nele”. Segundo relato do jornalista Audálio Dantas, foi esta a primeira frase que ouviu de Carolina de Jesus.

Moradora da favela do Canindé, às margens do rio Tietê, sem perspectivas e com três filhos para sustentar, catava papel pelas ruas da cidade, produzindo circuitos na busca pela sobrevivência, retirando do lixo alimentos para seu corpo e seu espírito. No lugar onde catava lixo para vender, encontrava os cadernos e papéis que transformava em “diários”, relatando os dissabores de seu dia a dia, reflexões sobre seu sofrimento, sua fome, sua repulsa pelos políticos e sua compulsão pela escrita, ferramenta de denúncia e desabafo de um cotidiano sofrido e miserável.

Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve sr melhor que o dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer. [...] O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.

... Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro:

– Olha o pão doce, que está na hora do café!

Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer. (...) (JESUS, 2015, p.35)

Quando Carolina conheceu o jornalista Audálio Dantas, durante a reportagem na favela do Canindé, mostrou-lhe seus escritos que, posteriormente selecionados, dois anos depois foram publicados. Carolina realiza, então, o sonho de tornar-se escritora, protagonista de sua história, publicando seu primeiro livro: *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, resultado de uma seleção meticulosa de seus relatos diários, feitos nos cadernos velhos que encontrava nos lixos da cidade. A preparação do público representada pelas matérias jornalísticas anteriores à publicação do livro foi decisiva para a recepção do livro como depoimento real das condições de miserabilidade dos favelados, ou seja, como um documento quase coletivo. Na edição, Audálio, jornalista e editor, seleciona meticulosamente os textos originais para boa recepção da obra.

A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos. (DANTAS, 2015)

A primeira reportagem de Audálio Dantas despertou um interesse coletivo repentino por Carolina de Jesus. *Quarto de Despejo* começou a surgir para o público sob o título “O Drama da Favela Escrito por uma Favelada: Carolina de Jesus faz um retrato sem retoque do Mundo

Sórdido onde vive.” Os segmentos dos diários publicados no artigo jornalístico preparavam os leitores para a acolhida da autora e divulgavam um documento de caráter inquestionável, sem elaboração artística ou interferências editoriais, construído sob um ponto de vista de quem está inserido na favela. A segunda reportagem sobre os diários de Carolina de Jesus foi divulgada na revista semanal *O Cruzeiro*. Na matéria *Retrato da favela no diário de Carolina*, assinada por Audálio Dantas, o jornalista apresentava a seus leitores a mineira Carolina Maria de Jesus, moradora da rua A, número 9, da antiga favela do Canindé, de São Paulo.

As reportagens alimentavam a curiosidade de uma sociedade que, embora ciente da miséria das favelas e da necessidade de ocultar a estética que contrariava a modernidade, fingia-se de cega diante do contexto. Assim sendo, a ilusão de que o mundo passou a conhecer esse duro dia a dia a partir dos relatos de Carolina não só disfarçou uma cegueira proposital, como foi essencial para que Audálio Dantas ganhasse destaque nas mídias.

Em 6 maio de 1960, exatamente um ano depois da primeira reportagem, a notícia sobre a assinatura do contrato entre Carolina de Jesus e a editora Francisco Alves foi revelada pelos jornais paulistanos. A reportagem da *Folha de São Paulo* estampou uma foto da autora com seus três filhos, Audálio Dantas e Lélío de Castro, com o título *Do papel catado no lixo para as páginas de um livro; vai ser editado o 'diário da favelada'*. Na legenda da imagem, o nome da obra é mencionado, pela primeira vez, como *Quarto de Despejo*. Escrito por quem testemunha a miséria diariamente, ao retratar o sofrimento coletivo dos favelados, a peculiaridade em sua linguagem, entre outras, revela as marcas de uma narrativa ímpar, consistente, sagaz, seja na utilização das palavras, seja na capacidade de descrever a miséria artisticamente.

1.2 A construção da identidade: os perfis de Carolina e a cena literária

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro. (JESUS, 2015, p. 167)

Ao longo do tempo, tendo em vista que hábito de relatar o dia a dia de maneira confessional era considerado feminino, a mulher pôde compor seu tecido discursivo, sendo sujeito e autora de sua escritura. Diante disso, uma vez que para as afrodescendentes as desigualdades são potencializadas, a escrita do eu desponta como um caminho para a liberdade almejada, para romper as tantas barreiras impostas. Foi através da escrita que também as mulheres negras puderam – e ainda podem – recuperar suas histórias e contá-las com propriedade sob essa ótica. Trata-se da reafirmação dos que precisam posicionar-se como sujeitos e, assim como Carolina, como as experiências interferiram na construção identitária dessa autora.

Stuart Hall, em *Quem precisa de identidade?*, trabalha a discussão sobre novos grupos culturais tornarem-se visíveis na cena social, buscando afirmar suas identidades ao mesmo tempo em que questionam posições privilegiadas. Hall concentra-se em questões como quem precisa de identidade e por que acabamos preenchendo as posições de sujeito para as quais fomos convocados.

[...] As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2000, p.108-109).

E segue:

...Toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado. Laclau (1990) argumenta, de forma persuasiva, que “a constituição de uma identidade social é um ato de poder, pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida nos mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre os dois pólos resultantes – homem/mulher etc. Aquilo que é peculiar ao segundo termo é assim reduzido –em oposição à essencialidade do primeiro – à função de um acidente. Ocorre a mesma coisa com a relação negro/branco, na qual o branco é, obviamente, equivalente a “ser humano”. “Mulher” e “negro” são, assim, “marcas” (isto é, termos marcados) em contraste com os termos não-marcados “homem” e “branco”. (LACLAU, 1990, p.33 *apud* HALL, 2000, p.110)

Em Carolina, encontramos um sujeito transitando numa superfície branca, traçando seu caminho com uma escrita fortemente marcada por um teor testemunhal, caráter novo à proposta de intervenção literária, posto que a autora residiu nos próprios espaços subalternizados que serviram de inspiração para suas obras. Além disso, a presença dessa mulher na cena literária brasileira possibilitou a emergência de um importante debate acerca da constituição de novos sujeitos discursivos no cenário cultural. Não se trata apenas de uma busca pela inserção, mas de utilizar a literatura enquanto veículo de um discurso que almeja ser ouvido.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2015, p.32)

Carolina Maria de Jesus ingressou nas páginas da literatura brasileira a partir da publicação de seu livro-diário. No entanto, há uma especificidade em seu caso: a publicação de seus escritos, que deram origem a *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*, em 1960, confronta-se com o código letrado. O resultado da incursão de uma mulher negra, catadora de papel, nas páginas da literatura brasileira foi o sucesso expresso no número de vendas do livro.

Quarto de Despejo foi impulsionado pelo valor testemunhal da obra de uma favelada, sendo lido como um documento que apresenta uma “verdade” sobre o Brasil. O livro é mais do que um simples depoimento: trata-se de uma obra em que, a despeito das condições materiais e culturais de sua autora, constrói-se uma forte e única representação da dinâmica social urbana. Algumas vezes, Carolina não se contenta apenas em narrar as agruras dos miseráveis e assume, de forma ostensiva e ousada, a função de porta-voz dos favelados diante de personalidades públicas. Ao fazê-lo, às vezes utiliza recursos literários, como neste exemplo, em que recorre à linguagem metafórica para fazer uma ameaça velada ao presidente da República:

Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez elas reina a amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer.

... O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. [...] Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (JESUS, 2015, p. 35).

Figura 5 - Segunda edição do Festival do Escritor Brasileiro, promovido pela União Brasileira de Escritores



Fonte: <http://www.vermelho.org.br/noticia/322474-1>

Sob que condições se constrói um protagonismo e como ele é encarado perante a sociedade? 24 de julho de 1961, segunda edição do Festival do Escritor Brasileiro. No *Super Shopping Center*, em uma grande galeria comercial em Copacabana, a União Brasileira de Escritores promove um evento em busca de verba para construir uma sede própria. Carolina, a única mulher preta, está presente e três das mulheres em primeiro plano da foto parecem ávidas por sua atenção. Carolina não parece confortável.

Depois de obter maior sucesso, Carolina começa a aparecer sem o pano branco amarrado na cabeça e sem as roupas maltrapilhas que usava na favela do Canindé, mas sempre apresentada como “a escritora favelada”, reforçando a ideia da miserável, favelada e negra

estigmatizada. Carolina Maria de Jesus escreve denunciando a favela; escreve também para, diferenciando-se dos outros moradores, lutar contra o rebaixamento a que estão sujeitos os miseráveis num momento em que se anuncia novo salto modernizador de São Paulo e do Brasil, assim como escreve para desafogar as amarguras de uma caminhada repleta de obstáculos.

Vesti os meninos que foram para a escola. Eu saí e fui girar para arrancar dinheiro. Passei no Frigorífico, peguei uns ossos. As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros. Até eu digo que é para os cachorros... (JESUS, 2015, p.105)

Historicamente, os estudos da produção literária feminina revelam a marginalidade das mulheres em todos os segmentos da sociedade, inclusive na produção intelectual. Ao longo do tempo, diversas autoras se utilizavam de pseudônimos masculinos não só para que a edição e a circulação de suas obras fossem possíveis, como também para que seus escritos fossem devidamente reconhecidos. Nesse processo de produção literária das mulheres escritoras, se para mulheres brancas a sociedade já era por demais excludente, as negras continuavam num processo de apagamento.

Em 1985, a crítica e teórica indiana Gayatri Spivak publicou o livro *Pode o subalterno falar?*. Para ela, o sujeito subalterno é aquele cuja voz não pode ser ouvida; sua crítica à intelectualidade que pretende falar em seu nome é ao fato de que o subalterno, como Carolina, ainda permanece silenciado nos dias de hoje. Ao concluir que o subalterno não pode falar, Spivak refere-se ao fato desse oprimido ter sua voz sempre intermediada pela voz de outrem, numa cumplicidade do intelectual que crê poder falar por esse outro. Na relação com Audálio Dantas, esse outrem é um homem branco: “Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da mulher parece ser mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” (SPIVAK, 2010, p. 85). E prossegue:

Em um campo tão carregado, não é fácil fazer a pergunta sobre a consciência da mulher subalterna. É, portanto, ainda mais necessário lembrar os radicais pragmáticos de que essa questão não é uma digressão idealista. Embora nem todos os projetos feministas ou antissexistas possam ser reduzidos a esse, ignorá-lo é um gesto político não reconhecido que tem uma longa história e contribui com um radicalismo masculino que torna o lugar do investigador transparente. (SPIVAK, 2010, p. 87, 88).

Conceição Evaristo (2005) afirma que

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto

representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação (EVARISTO, 2005, p. 54).

A literatura feminina de cunho testemunhal de Carolina Maria de Jesus apresenta um discurso diferenciado, pautado pelas vivências e marcas de vida, e que busca lançar sobre si um novo olhar que parte dela mesma e não de representações estereotipadas, baseadas em concepções preconceituosamente fixadas. Desse modo, ainda que diante de uma mulher cujas produções são enriquecedoras e grandiosas, não há como desvincular a vida de Carolina de questões como racismo, preconceito e marginalidade, visto que seus relatos são baseados nessa realidade vivenciada pela escritora. Carolina rebelou-se contra as mazelas de uma sociedade hostil em relação a sua raça, seu sexo e sua condição social. Da mesma maneira, orgulhava-se de sua cor, mas entendia o abismo social com relação à cor da pele e à classe social.

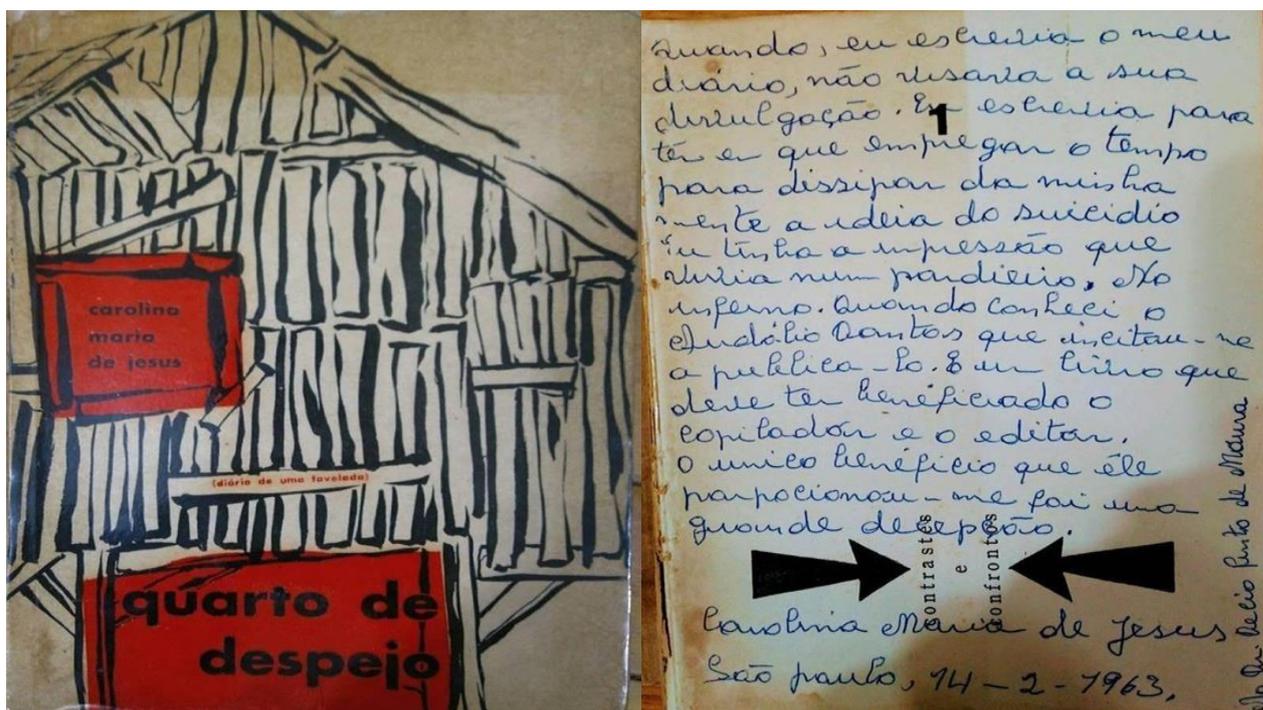
Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava descontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo. (JESUS, 2015, p. 33)

E também escreve:

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me:
 –É pena você ser preta.
 Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo do branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2015, p. 64)

Os cadernos onde Carolina escrevia seu dia a dia miserável, na intenção de desabafo, acabam por despertar a curiosidade sobre sua vida, sobre a rotina de uma mulher negra, catadora do lixo que a “sala de visitas” descarta. Isto gera um incentivo à permanência do modelo de escrita, ainda que a autora não tivesse mais o que relatar. Diferentemente do que era divulgado, Carolina não tinha a intenção de publicar seus relatos, mas suas poesias. Porém, visando o interesse editorial e buscando a atenção do público, o jornalista Audálio Dantas mantém o discurso que enaltece a mulher pobre e favelada que se tornou a voz dos que não podem falar: a voz da favela. Comparando o trecho descrito na imagem abaixo, no qual Carolina afirma que Audálio “incitou-a a publicar seus relatos”, com o que foi divulgado na Revista *O Cruzeiro*, em junho de 1959, percebemos uma incongruência nos discursos. Na reportagem, Audálio afirma: “Eis uma pequena amostra do ‘Diário de Carolina’. São coisas que ela escreve e deseja que o mundo veja.”

Figura 6 - Dedicatória feita no livro *Quarto de Despejo*, feita por Carolina Maria de Jesus, constatando que o objetivo da escrita nos cadernos, posteriormente transformados em diários, não era a publicação.¹⁴



Fonte: www.tamboresfalantes.blogspot

Além de revelar as muitas identidades enquanto mãe, mulher, preta, catadora de lixo, Carolina também assume papel de crítica social, apontando as desigualdades, questionando posturas de políticos e sugerindo mudanças. Dentro do seu discurso pessoal, apresenta faces de várias autobiografias compiladas em uma só. Em suas experiências pessoais, adicionam-se ambições literárias fracassadas, visto que suas poesias lhe despertavam o desejo de tornar-se escritora. A narrativa de Carolina Maria de Jesus desmistifica a capacidade intelectual da mulher negra, chancelada pela academia. As características comuns que ideologicamente foram atribuídas e tomadas como verdade, criaram um estereótipo e um referencial no imaginário social acerca da figura dessa mulher negra brasileira, como seus atributos morais questionáveis e exacerbação da sensualidade.

¹⁴ “Quando eu escrevia o meu diário, não visava a sua divulgação. Eu escrevia para ter em que empregar o tempo para dissipar da minha mente a ideia do suicídio. Eu tinha a impressão que vivia num paridieiro. No inferno. Quando conheci o Audálio Dantas que incitou-me a publica-lo. E meu livro que deve ter beneficiado o copilador e o editor, o único benefício que ele proporcionou-me foi uma grande decepção”. (Carolina Maria de Jesus, São Paulo, 14-02- 1963. Ao Dr. Décio Pinto de Moura)

Figura 7 - Revista o Cruzeiro, edição 106/59 – Trecho do que seria o *Quarto de Despejo*

Se Você diz coisas alegres e ninguém sorri, cuidado! É que suas palavras não têm bom gosto!

a diferença é Mentasol...

Agora sim! suas palavras têm bom gosto! Você pode falar de perto, sem disfarçar! Você usa MENTASOL, à base de Clorofila! Além de purificar o hálito, MENTASOL protege contra a cárie, deixando os dentes claros e brilhantes! MENTASOL tem um gossinho formidável de hortelã!

dentifrício à base de Clorofila

Me Mentasol
DENTIFRÍCIO À BASE DE CLOROFILA

EFICIENTE PROTEÇÃO DA BOCA
- Hálito
- Dentes
- Gengivas

* CLOROFILA -

o chamado "verde" dos vegetais - é um composto foto-sensível que produz resultados altamente recomendados pela moderna ciência na profilaxia e higiene bucais.

LINTAS - MS 54

RETRATO

continuação da pág. 96

com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu sai e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (...) Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver na panela. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para elas.

— 12 de agosto de 1958. Deixei o leito às 6 e meia e fui buscar água. Estava uma fila enorme. E o pior de tudo é a maledicência, que é o assunto principal. Tinha uma preta que parece que foi vacinada com agulha de vitrola. Falava do genro que brigava com sua filha. Atualmente é difícil para pegar água porque o povo da favela duplicou-se. E a torneira é só uma.

— 23 de outubro de 1958. (...) Agora que passou a ser o encarregado da luz deixou de trabalhar. De manhã ele senta lá na torneira e fica dando palpíte. Eu penso: ele perde porque a língua das mulheres da favela é de amargar. Não é de osso, mas quebra osso. Até o Lacerda perde para as mulheres da favela.

— 5 de dezembro de 1958. (...) Fiquei horrorizada quando ouvi as crianças comentando que o filho do senhor J. M. foi na escola embriagado. É que o menino está com 12 anos. Eu hoje estou muito triste.

— 25 de dezembro de 1958. (...) O João entrou dizendo que estava com dor de barriga. Percebi que foi por ele ter comido melancia estragada. Hoje jogaram um caminhão de melancia perto do rio. Não sei porque é que esses comerciantes inconscientes vem jogar seus produtos deteriorados aqui na favela para as crianças ver e comer.

— 31 de dezembro de 1958. (...) Hoje uma nortista foi para o hospital ter filho e a criança nasceu morta. Ela está tomando soro. A sua mãe está chorando porque ela é filha única. Tem baile na casa do Vitor. Adormeci depois das corridas (refere-se à corrida de São Silvestre). E fiquei pensando na minha vida no decorrer deste ano. (...) O José Carlos e o João José estavam jogando bola. A bola do Tônico. E a bola caiu dentro do quintal do V. E a mulher do V. furou a bola do menino. E os meninos começaram a xingar. Ela pegou um revolver e correu atrás dos meninos. E se o revolver disparasse?

Eis uma pequena amostra do "Diário de Carolina". São coisas que ela escreve e deseja que o mundo veja.

Nota da Redação: Foi respeitado o original.

NESCAU
quente
ou frio...
é gostoso,
é sadio!

Saboroso e nutritivo, Nescau é o alimento indicado para todas as idades. Fácil de preparar... fácil de digerir, Nescau restaura as energias além de proporcionar mais vitalidade às crianças e aos adultos!

Toda hora é boa para um bom Nescau...
Quente ou frio, é delicioso, revigorante e sadio!

PARA CRIANÇAS E ADULTOS - SADIO

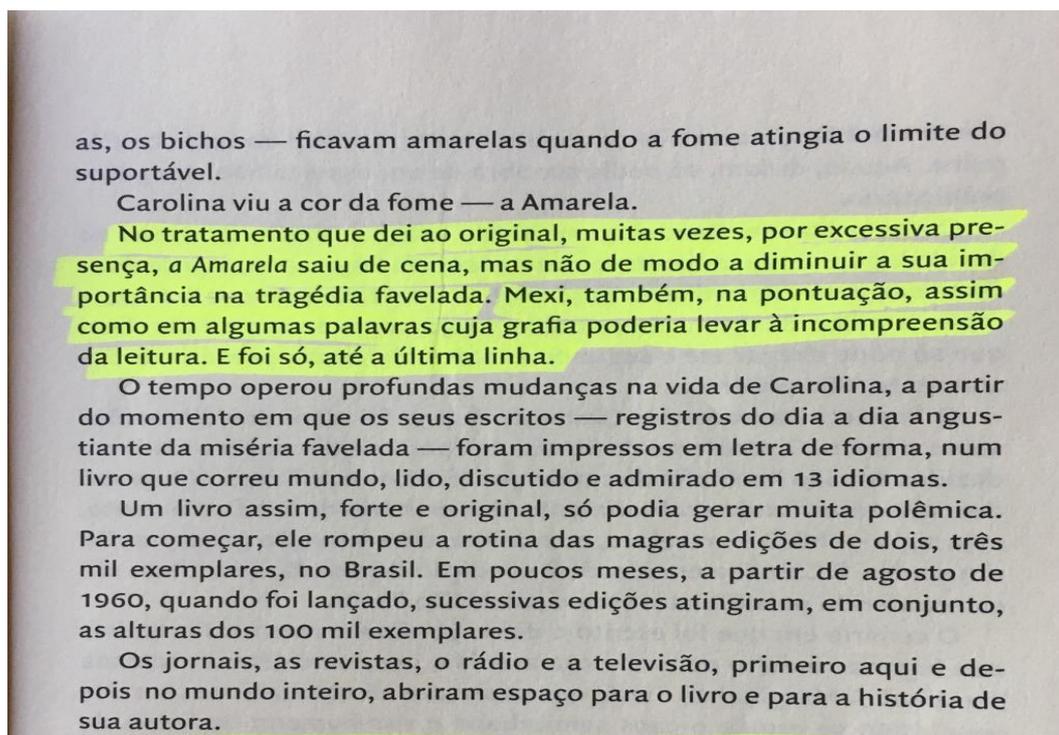
NESCAU
UM PRODUTO NESTLÉ

PROTEÍDA
E
GARANTIDA

NESCAU
Compre-o no seu fornecedor habitual.

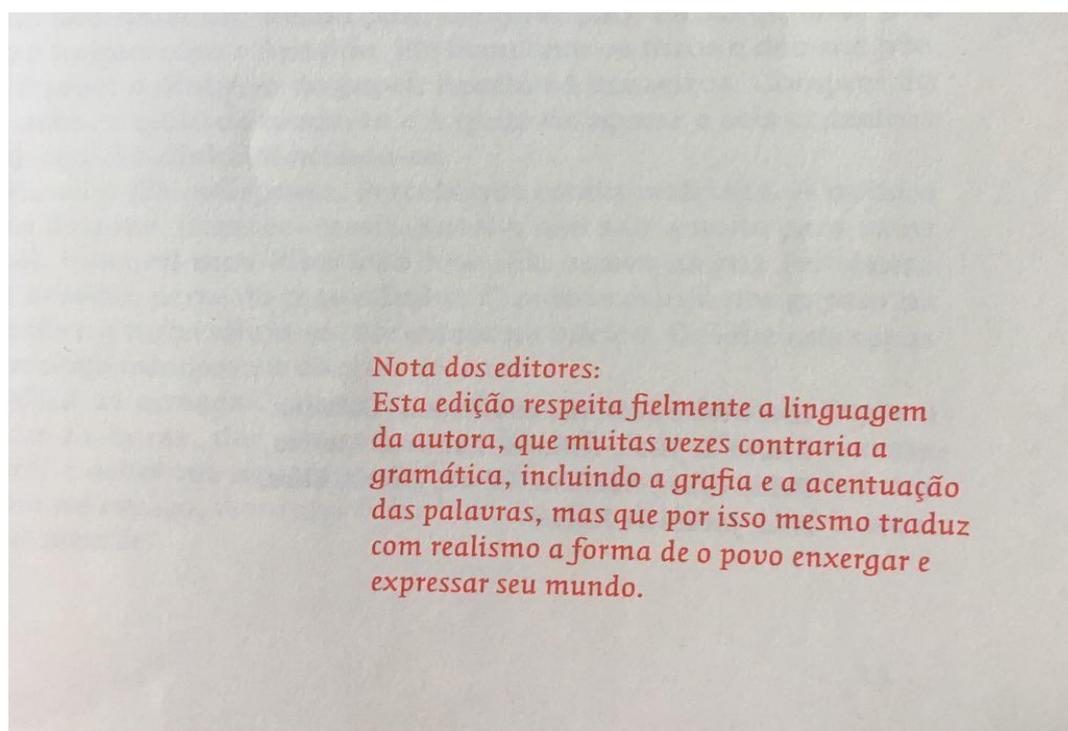
Ne-Rv-106/59
O CRUZEIRO, 20 - 6 - 1959

Figura 8 - Prefácio de *Quarto de Despejo*, escrito por Audálio Dantas



Fonte: Edição 2015, Editora Ática

Figura 9 - Nota dos editores



Fonte: Edição 2015, Editora Ática

O texto do prefácio de *Quarto de Despejo* vai narrar parcialmente a história de vida de dois personagens e mostrar um imbricamento que culminou com a publicação do livro, uma responsabilidade creditada a ambos: à autora dos manuscritos, que fez o registro de seu cotidiano descrevendo a rotina de uma vida miserável e reconstituindo na escrita as reflexões e os sonhos que a moviam, e a Audálio Dantas, que de posse dos manuscritos, desenvolveu um minucioso trabalho de editoração, preparando os originais para a publicação. Entretanto, curvas na produção desse diário tornam obrigatória a análise dos mecanismos que caracterizam a transformação dos manuscritos no livro *Quarto de Despejo*.

Além disso, o texto do prefácio oferece outras nuances que interessam ao estudo da obra, como um direcionamento da leitura que aponta para um modelo prefigurado de Carolina Maria de Jesus. Assim, buscamos no prefácio assinado por Audálio Dantas as informações que elucidassem os modos pelos quais os mecanismos engendrados confluíram não só para os processos de gestação, como também para os de recepção desse livro. A leitura das reportagens, principalmente as que precedem o livro e as que se seguem imediatamente ao lançamento, fornecem subsídios para a análise das estratégias de recepção de *Quarto de Despejo*. Sobre a seleção dos textos, a figura do autor e o tratamento da obra, GURGEL (2016) afirma que

Chartier (2012) retoma o que é a função autor para Foucault (2009), afirmando que ela é o resultado de operações complexas que conferem unidade e coerência a certos discursos, estabelecendo a maneira pelos quais eles circulam em dada sociedade, servindo como um “[...] princípio de economia frente à proliferação do sentido [...]” (FOUCAULT, 2009, p. 287). Como Chartier destaca, essa função se estabelece, principalmente, partir da atuação de dois processos. O primeiro consiste em uma triagem dos textos, destacando, dentre todos, apenas aqueles aos quais essa função é atribuível. O segundo implica na construção da figura do autor e consiste na seleção dos traços pertinentes à sua caracterização. Portanto, o escritor é submetido a um processo de seleção, admissão e exclusão: nem tudo o que ele escreve é atribuído à função autor, assim como nem tudo o que ele faz é relevante para sua biografia, mas apenas aquilo que contribui para constituir uma unidade coerente e bem distinguível. Igualmente, o surgimento da função autor implica a seleção dos textos que compõe as obras, além do estabelecimento das suas chaves de leitura. Portanto, tanto o autor quanto a obra surgem a partir de um mesmo tratamento que lhes é dispensado e que visa a criar certa homogeneidade e coesão. Logo, ele é uma... (GURGEL, 2016, p. 17)

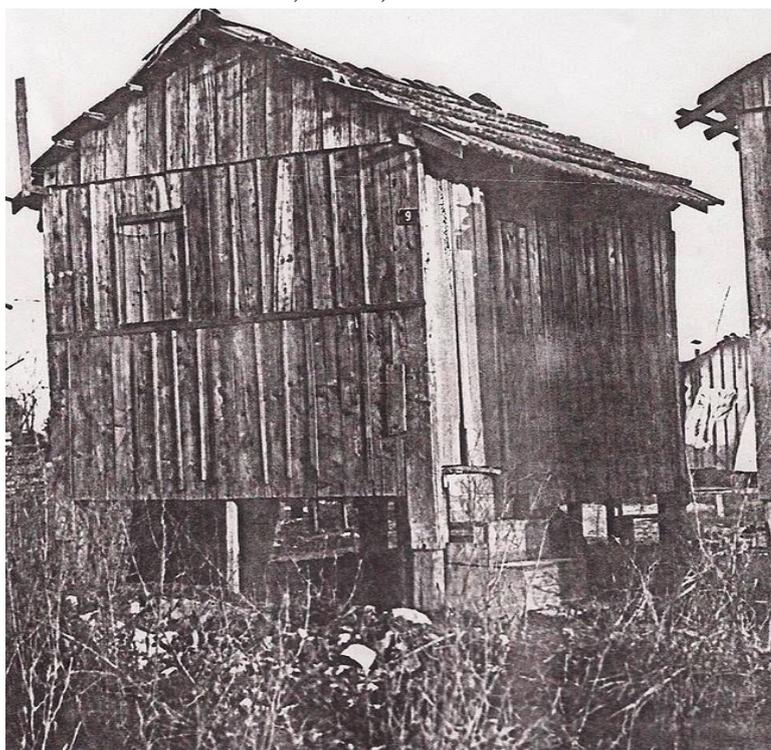
Em todos esses circuitos, o destaque de Carolina se associa ao de Audálio Dantas, quem avaliou o material como publicável. Por fim, o jornalista está presente não apenas na própria produção do livro, como na edição que preparou os cadernos de Carolina para publicação. O texto de *Quarto de Despejo* vai oferecer ao público uma visão de Carolina de Jesus filtrada por Audálio Dantas: além de incentivá-la a retomar o diário quando a conheceu, em 1958, ele o divulgou em doses precisas, em reportagens que serviam tanto para estimular Carolina

quanto para testar a recepção do público. A escrita intencional, a partir do encontro com o jornalista, em 1958, é percebida em trechos como o abaixo, visto que, se Carolina escrevia com a intenção de desabafo, por que motivo justificaria a ausência por alguns dias, e a necessidade de recapitular o que aconteceu?

Tenho de dizer que eu não escrevi nos dias que decorreram porque eu fiquei doente. Vou recapitular o que ocorreu comigo nestes dias. (...) A Fernanda veio e perguntou-me onde é a casa do vento. Disse que ele é muito bonito e que ela ia lá comprar pimenta só para vê-lo. Durante os dias que eu estive doente o senhor Manoel não me deixou sem dinheiro. [...]. (JESUS, 2015, p. 159)

No prefácio, ao apresentar o texto, houve um direcionamento da atenção do leitor para a importância do livro como arma de denúncia coletiva; no diário, por fim, sua presença se faz explícita nas marcas de cortes que deixou assinaladas no texto, tomando Carolina como uma personagem que vinha sendo construída pelo jornalista através de reportagens e suas repercussões. Como os antigos folhetins, as reportagens seduziram os leitores para o enredo do diário e os prenderam até o clímax do lançamento do livro.

Figura 10 - Casa de Carolina Maria de Jesus: um barraco feito de tábuas, coberto com lata e papelão, na então Favela do Canindé, rua A, barraco número 9 - São Paulo/SP, em 1952.



Fonte: <http://folhadepoesia.blogspot.com.br/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>

No que diz respeito aos aspectos histórico e geográfico, podemos relacioná-los com o surgimento das favelas no Brasil após a abolição da escravatura, onde os negros, então livres, passaram a se aglomerar em espaços pequenos, que agregaram também

outros grupos marginalizados e pessoas que não conseguiram sobreviver nos centros urbanos, sendo o desenvolvimento da economia brasileira um dos fatores agravantes para esse panorama durante o século XX. Os anos de 1950 e 1960 representaram para o imaginário nacional um tempo de euforia, idealizando um período de desenvolvimento e intensas transformações no país, o que omitia o contraste com o ideário de modernização: a miséria urbana, os pobres, os favelados. Segundo Achille Mbembe (2018), “a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável e quem não é’”. Traçando um paralelo entre os pobres amontoados nas favelas, carentes de comida, projetos, dignidade, cidadania e a proposta de revitalização da “sala de visitas” – a cidade:

... a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder. Pode-se resumir nos termos acima o que Michel Foucault entende por biopoder: aquele domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu o controle. Mas sob quais condições práticas se exerce o poder de matar, deixar viver ou expor à morte? (MBEMBE, 2018, p. 7)

Para compreendermos de modo amplo a narrativa, precisamos contextualizá-la e situá-la nos espaços político, histórico e geográfico. Durante esse período da publicação da obra *Quarto de Despejo* em questão, a sociedade brasileira passava por uma intensa experiência democrática, que se inicia com a superação do Estado Novo (1937-45) e se encerra com a instalação da Ditadura Militar (1964). O livro *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* (1960), escrito por Carolina Maria de Jesus, é um retrato literário da política por tratar-se de uma escrita testemunhal sobre seu cotidiano e dos moradores da Favela do Canindé, assim como o de muitos trabalhadores que tentavam uma vida melhor. Eram oriundos de outras regiões do país em meio à explosão urbana pela qual São Paulo passava na época.

Em certa medida aquele era um momento em que a sociedade brasileira começava a se reconhecer como "moderna". Naquele instante, entre nós se dava o encontro de dois processos complementares e importantes: a vivência de um ambiente democrático e os movimentos da contracultura brasileira. Juntas, essas manifestações política e cultural promoveram aberturas cabíveis tanto para demonstração de certas patologias urbanas individuais, pequeno-burguesas, como para as crises políticas de caráter social. Nesse contexto, os jornalistas adquiriam papéis importantes como documentadores das transformações nacionais. Audálio Dantas foi um dos primeiros profissionais a se notabilizarem nessa área, e a "descoberta" de Carolina pode ser vista como um de seus trunfos. Mas ele era um ramo desse novo perfil do jornalismo brasileiro. (MEIHY, 1998)

Assim, para analisarmos o grande êxito do *Quarto de Despejo*, é preciso traçar um paralelo com o contexto histórico vivido no Brasil, no final dos anos 1950 e 1960, época de fortes transformações culturais e políticas. O então presidente, Juscelino Kubitschek, movido pelo slogan “50 anos em 5”, adotou um plano de metas que visavam a substituição de importações, estratégia que trouxe o estabelecimento de várias multinacionais no país. O crescimento econômico acelerado levou a um efervescente processo de êxodo rural. Camponeses, movidos pelo ideal das grandes cidades, criavam um contingente cada vez mais amplo em ambientes urbanos.

O texto de Carolina de Jesus surge em meio ao clamor das reivindicações das minorias e revela um ambiente pouco conhecido até então: a favela. Ao expor a realidade miserável da comunidade, Carolina de Jesus transformou-se em personalidade nacional. O imaginário brasileiro estava ávido por mudanças, pela busca de soluções para os problemas sociais. Carolina Maria de Jesus passou a ser convidada para festas ilustres, eventos filantrópicos, programas de televisão, entre outros. *Quarto de Despejo* foi traduzido para treze línguas e publicado em mais de quarenta países.

Logo, a escrita individual de Carolina foi moldada no livro com o fim de estabelecer uma imagem ideologicamente coerente com o modelo configurador de um sujeito a quem era dada uma voz de protesto contra o modelo econômico brasileiro, então vigente. Dessa forma, ao pretender narrar a vida no Canindé, vemos que, em *Quarto de despejo*, Carolina situa-se ora como mera testemunha, que registra um documento da favela, ora como personagem e modelo dos dramas que se desenvolvem diariamente a seus olhos.

... Havia pessoas que nos visitava e dizia:

– Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo.

... Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa. (JESUS, 2015, p. 35)

2 A GÊNESE DOS CADERNOS

2.1 Do *Quarto de Despejo* à sala de visitas

Quando se mudou para São Paulo pela primeira vez, em 1937, deixou para trás família, livros, e passou a escrever incessantemente. Inconstante em todos os empregos que teve, estava deslumbrada com a cidade de São Paulo, e manteve-se direcionada para a leitura e poesia. Sua intenção era “ganhar a vida” como poetisa, apresentando-se em muitos espaços na cidade, como circos, festas e redações de diversos jornais paulistanos, lugar para onde ia com frequência.

O colapso da economia mundial resultou na perda de riquezas e investimentos, afetando a São Paulo de Carolina, elevando os custos dos gêneros alimentícios, dos vestuários, dos alugueis, refletindo também no interior, abalando, sobretudo, os alicerces das fazendas de produção de café. Diante das dificuldades, houve a migração para os grandes centros urbanos, o que resultou em mão de obra sem qualificação. Com isso, a proliferação dos abrigos noturnos, dos cortiços e da favelização desenfreada foi cada vez maior no final da década de 1940 até início dos anos 50 (FARIAS, 2017, p. 114).

O sonho de Carolina Maria de Jesus era o de escrever poesias e vê-las publicadas, diferentemente do que a apresentou como escritora. Desde os primeiros anos morando em São Paulo, a compulsão pela escrita torna-se parte do cotidiano e desde então, não para mais. Os primeiros registros de sua produção literária em São Paulo, posteriormente encontrados, foram fruto de suas idas às redações dos jornais e revistas na época. Porém, não podemos separar o contexto literário do social, inserindo a problemática racial quando tratamos da história de uma mulher pobre e preta. Os preconceitos sofridos são relatados em seus versos:

Eu disse: o meu sonho é escrever
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer
É ir pro tanque lavar roupa. (MEIHY, 1996, p.43)

Certa de que sua condição de mulher e negra foi um muro que a separou do merecido reconhecimento enquanto escritora, Carolina prossegue com sua poesia, diante de tantas tentativas de publicá-las. Regina Dalcastagnè, em seu artigo “A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea”, afirma:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de “literatura” exclui suas formas de expressão. Assim, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros. O campo literário reforça esta situação, através de suas formas de consagração e de seus aparatos de leitura crítica e interpretação. Afinal, “todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão. Dizer que um texto é literário subentende sempre que outro não é”, ou seja, a valoração sistematicamente positiva de uma forma de expressão, em detrimento de outras, faz da manifestação literária o privilégio de um grupo social. A exclusão das classes populares não é, obviamente, algo distintivo da literatura, mas um fenômeno comum a todos os espaços de produção de sentido na sociedade. (DALCASTAGNÈ, 2007)

De volta a São Paulo, após morar em albergues noturnos, cortiços e debaixo de viadutos, Carolina se muda, então, para a Favela do Canindé. Lá, vivenciou a situação de penúria das favelas brasileiras, que emergiram no cenário do país a datar pelo fim da escravidão, no final do século XIX e que só pioram desde então. As periferias dos grandes centros urbanos – as favelas no Brasil –, grande parte situadas no Rio de Janeiro e São Paulo, remetem a uma miséria atrelada à disparidade econômica. Voltada, em sua maioria, ao povo negro, as favelas remetem a uma faceta de desigualdade sistematicamente prezada e resguardada por elites que tornam elementos como a falta de saneamento básico, eletricidade, água potável e outras demandas básicas ao ser humano, parte integrante do que compõe esses assentamentos urbanos. Pelos relatos em *Quarto de Despejo*, percebemos as agruras e sofrimentos pelos quais passava:

Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas? ... Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. Duro é o pão que comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. (JESUS, 2015, p. 41)

O período em que Carolina viveu foi repleto de momentos únicos na história brasileira. Existiu nos entremeios de duas ditaduras: a do Estado Novo, fundada em 1945, e do regime militar no Brasil, em 1964. Nesse processo de construção de identidade, Carolina dá continuidade a uma espécie de missão, de procura da sabedoria incutida por seu avô e impregnada de uma cultura ancestral. Na cidade grande, isolou-se, encontrando na escrita, sua literatura. Com isso, conjugou uma voz própria com a vivência que trazia do entorno. Nos

tantos processos de ir e vir, Carolina se reinventa e finca sua história, construindo sua identidade. De acordo com Zilá Bernd (2007),

Território e deslocamento deixam de ser antiéticos, passando a ser complementares. De modo semelhante, os conceitos de territorialização e desterritorialização não devem ser vistos em termos de oposição binária, mas de passagens necessárias nos processos de construção identitária, pois desterritorializações são sucedidas por movimentos de reterritotalização que não apenas restauram o território cultural perdido, mas o enriquecem com elementos novos. (BERND, 2007, p. 90)

Embora deslocada socialmente, Carolina de Jesus, leitora e observadora do mundo, ocupa um lugar de fala em seus escritos. Ao iniciar a narrativa de suas atividades diárias, mostra como é a vida na comunidade e quais as dificuldades que uma mulher marginalizada pela condição social é obrigada a enfrentar. Sua produção contribui para uma análise crítica acerca das múltiplas opressões que assolam as mulheres, sobretudo as negras.

A escrita engajada e marcada pela autorrepresentação conquista o reconhecimento de sua produção diante do protagonismo consciente da realidade – construída em torno das desigualdades e da exploração. Seus escritos refletem uma mulher que carrega bagagem dos caminhos percorridos, dos territórios descobertos e do nomadismo necessário na busca de uma vida melhor. “Diferentemente das estradas, bem demarcadas e eficientemente sinalizadas, os nômades só conseguem efetuar seus percursos devido a uma grande experiência acumulada que garante o conhecimento dos locais perigosos, dos pontos de referência, etc.” (BERND, 2007, p. 91). Carolina Maria de Jesus foi uma nômade em busca de oportunidades.

A expressão “quarto de despejo”, numa metáfora da escritora, refere-se à favela como um lugar em que a sociedade “guarda” o que não quer mostrar na sala de visitas. Segundo ela, “Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é a fome, a dor, e a aflição do pobre” (JESUS, 2015, p. 39). A noção de pertencimento à cultura negra se alimentou também do abolicionismo dos poetas românticos brasileiros e das ideias de intelectuais como Rui Barbosa e José do Patrocínio. Nos exíguos dois anos em que estudou numa escola espírita, Carolina tomou gosto pela leitura, e dali para frente, lia tudo o que lhe caía nas mãos, entre livros achados ou recebidos em doação, o que formou um repertório de referência muito particular. O aumento de narrativas de cunho testemunhal surge diante do mundo contemporâneo, no qual se busca reconstruir a trajetória individual e, muitas vezes, de uma coletividade, por meio do resgate de imagens do passado e até mesmo de meros

fragmentos que, ao serem colados, constituem um mosaico representativo de uma época de incertezas e precariedades.

Carolina inicia a escrita do que designa seu “estranho diário”, relatando as agruras, reflexões sobre seu sofrimento, sua fome, sua ira contra os políticos, a obsessão em transformar sua vida, o desejo de escrever um livro e tornar-se escritora. Seus relatos são cotidianos, seguem o ritmo dos dias que coincidem com a própria construção do seu sofrimento no cenário da favela.

Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É hoje que amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas?
...os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. Duro é o pão que comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. (JESUS, 2014, p.41)

A escrita é o modo como se situa no mundo, fala da vida, do sofrimento, dos seus maiores personagens: a favela e a fome, referências constantes em suas publicações e em seus escritos. O seu “estranho diário”, como nomeava seus cadernos, era o suporte material pelo qual ela constituía sua identidade, pela tomada de consciência de si e dos outros, conforme descreve em *Quarto de despejo*: “Quando cheguei na favela estava indisposta e com dor nas pernas. A minha enfermidade é física e moral”. (JESUS, 2014, p. 91). Carolina tem “fome” de papel: cata e escreve. Sua literatura nasce do lixo, é o seu “achado”: “Não havia papel nas ruas. Passei no frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas (...). Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de Leão. Então recorro ao lixo.” (JESUS, 2014, p.93).

Figura 11- Carolina carregando os resíduos que achava no lixo



Fonte: www.editorafigas.com.br

Figura 12- Carolina Maria de Jesus em São Paulo



Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/>

A miséria retratada na narrativa de Carolina não se restringe à favela, mas se estende à grande metrópole: São Paulo. A visão da narradora busca a reflexão quanto ao lixo que se cria e se recria, se ressignifica a cada instante e leva riqueza à produção. O diário registra fatos importantes da vida social e política do Brasil. A escrita dos textos que originariam *Quarto de Despejo* se inicia em 1955 e termina em 1959, elucidando os acontecimentos do cotidiano de Carolina durante cinco anos, com uma linguagem coloquial, marcada pela presença de escrita fora do padrão normativo, devido à sua formação educacional. Carolina mostrou ao mundo o cotidiano de miséria, isto é, a realidade social brasileira vivenciada por ela.

... Eu mandei o senhor Dario entrar. Mas fiquei com vergonha. O vaso noturno estava cheio. O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada.” (JESUS, 2015, p. 147)

Assim, a escritora realiza uma reflexão acerca do seu lugar de fala e apresenta um novo olhar no que tange à realidade social brasileira. Inúmeras vezes, a autora foi chamada de “a favelada que escrevia”.

A escrita tinha o propósito de desabafo. Considerada uma grafomaníaca, Carolina Maria de Jesus narrava sua vida para transferir para o papel toda a vivência diária que a sufocava, sem o propósito de ser reconhecida por aquele tipo de texto que produzia: um tear de memórias. A fome, então, fabrica uma escritora.

2.2 O processo editorial: diálogos com o editor

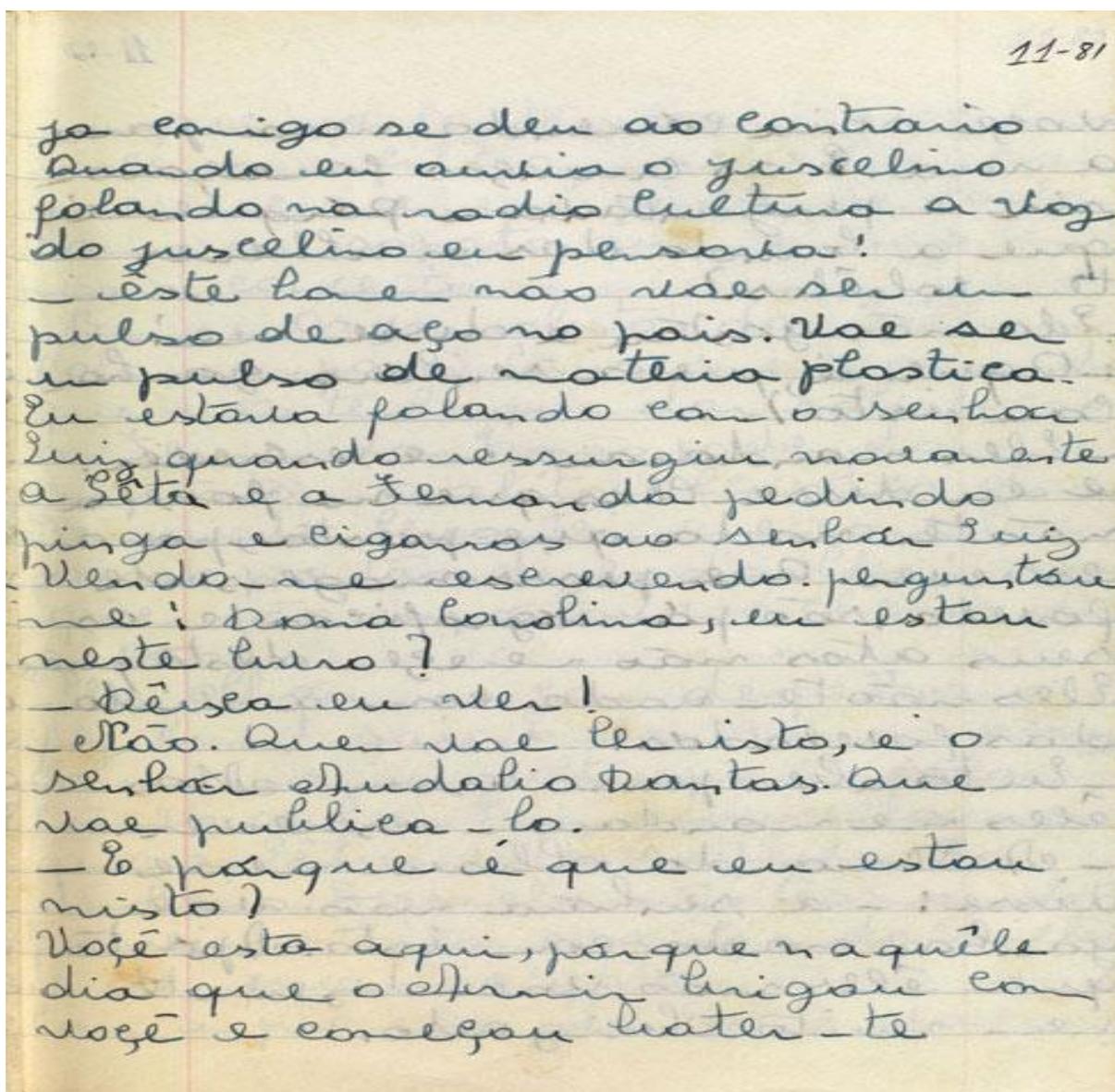
Desde que foi publicado, em 1960, *Quarto de despejo* tem sido alvo de contestações por diferentes gerações de leitores. Nos primeiros meses de seu lançamento, o livro foi ovacionado por seu conteúdo “inédito” e, em especial, pela marca pessoal que o revestia: a escrita original de uma mulher, negra, de escolaridade mínima e moradora da favela. Tão inusitada era a força expressiva daquele texto que, durante muito tempo, o editor dos manuscritos, o jornalista Audálio Dantas, foi acusado de tê-lo forjado.

A questão estética foi cuidadosamente pensada. A fome, as brigas, a sujeira, o alcoolismo, o abandono social: no registro de seu cotidiano de catadora de material descartável, a escritora fornecia um retrato daquela parte da cidade que nunca tinha sido registrada sob aquele ângulo. Para Audálio Dantas, era exatamente isso o que importava

porque havia, no discorrer dos temas, a expressão estética que causava o inesperado impacto ao leitor. E o que queria Carolina? Contrariando as expectativas de seu editor, seu desejo expresso era publicar poemas, contos – aquilo que a transportava para longe da escrita da favela. Com o intuito de dar aos textos não apenas veracidade, mas sua imparcialidade, Audálio Dantas, também editor, escolhe algumas críticas a seu respeito e as insere na obra.

Não durmi por estar exausta. Pensei até que ia morrer. Eu tenho a impressão que estou num deserto. Tem hora que eu odeio o repórter Audálio Dantas. Se ele não prendesse o meu livro eu enviava os manuscritos para os Estados Unidos e já estava sossegada. (JESUS, 2015, p. 122)

Figura 13- Manuscrito de Carolina Maria de Jesus – BN (47, GAV1, 07, p. 81)



Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/

Figura 14- Manuscrito de Carolina Maria de Jesus – BN (47, GAV1, 07, p.82)

11-82

você saiu levando uma para
 a sua. & as crianças começaram
 rir e perguntaram porquê é
 que a banda das mulheres
 tem colélas?

Elas não gostam e disse-me:
 - O que é, que a senhora ganha
 com isto?

- Elles mandaram-me escrever.
 e eu disse-lhes que na favela
 não tem nada que presta, para
 escrever. Que personagens de
 favela, são pômniográficas e os
 seus atos não merecem destaque.

Elles não tem nada com a vida
 das faveladas.

- Eu também penso assim. Mas
 elles me mandaram escrever.

- A Fernanda Oliveira-me e
 disse: - a senhora não vai
 ganhar nada com isto. Aposto
 que elles não vão dizer te
 nem muito obrigado.

Figura 15- Manuscrito de Carolina Maria de Jesus – BN (47, GAV1, 07, p.83)

11-83

porque já foi tempo, que a senhora
 procura infiltrar-se entre as
 que escreve, e é pasta de lado
 como um sapato que já não tem
 mais conserto

Be... Os jornalistas das Folhas
 polares. parei lauseca emte pensando
 que não tenho que dar satisfação
 a Fernanda. E não podendo
 suportar o alito alcoólico da
 Fernanda levantei e encaminhei
 para o portão dizendo - He!
 que não suportava o cheiro do
 alcool.

De olhar-me em desprêzo e
 fgy hum! saí. E elas saíram atrás
 de mim. e eu voltei para falar
 com o senhor Luiz que me contou
 que a Sêta vive se pedindo
 dinheiro. E se ela não tem mais
 penssi: a Sêta é a filha do Chiclet
 e de quem che quer. at ab om
 com a presença da Fernanda em

De acordo com as imagens dos manuscritos de 18 de dezembro de 1958, percebemos o que Carolina pensa, sente e faz a respeito do diário. Percebemos sua estranheza sobre a exigência de Audálio Dantas para a necessidade da escrita direcionada aos relatos na favela. Transcrevendo o texto das imagens:

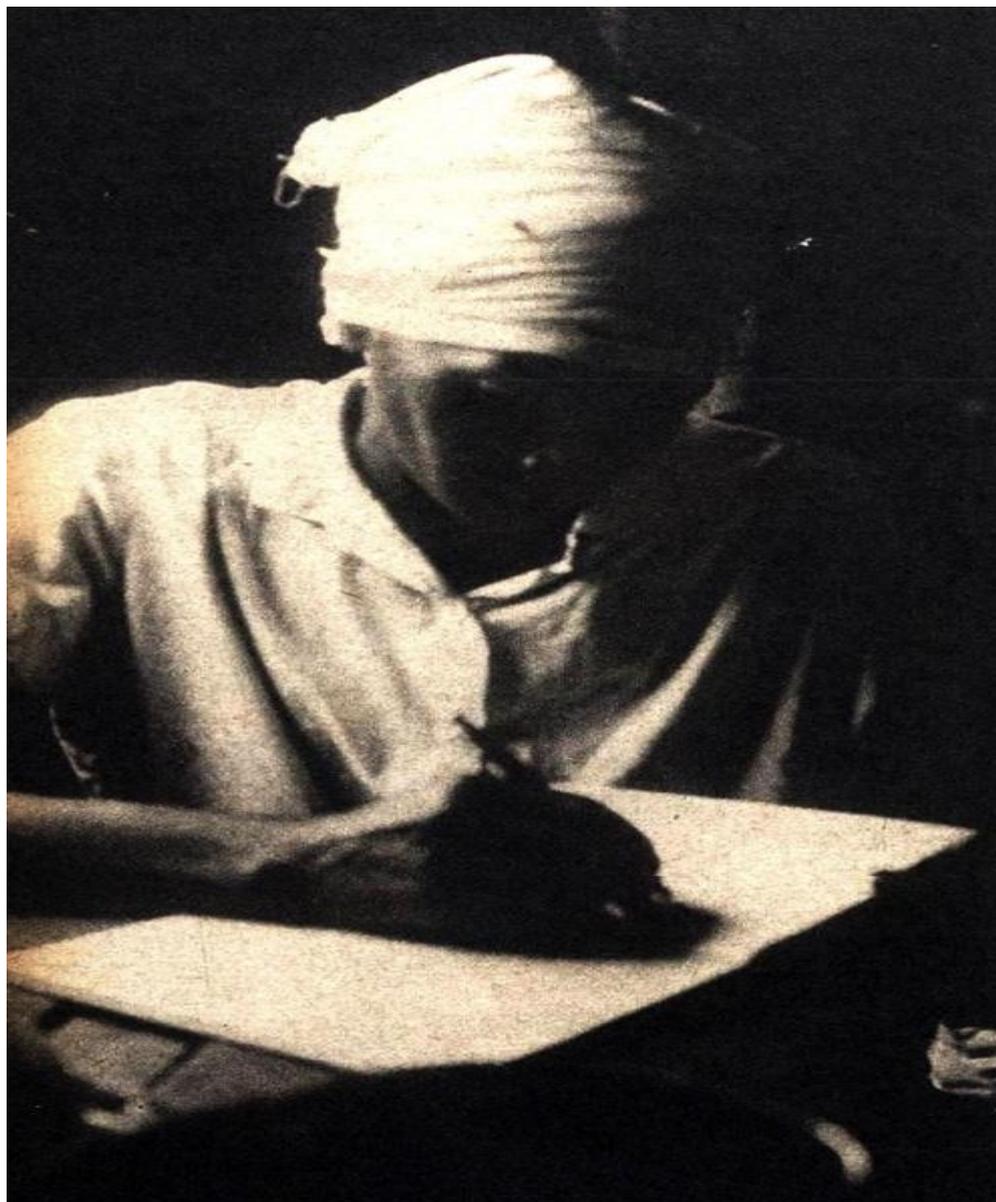
Dona Carolina, eu estou neste livro?
 – Dêixa eu ver!
 – Não. Quem vae ler isto, e o senhór Audalio Dantas. Que vae publica-lo.
 – E pórque é que eu estou nisto?
 Você esta aqui, pórque naquêle dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te você saiu córrrendo nua para a rua. E as crianças começaram a rir e perguntavam pórque que a bunda das mulheres tem cabêlos?
 – Ela não gostou e disse-me:
 – O que é que a senhóra ganha com isto?
 – Eles mandaram-me escrever. e eu disse-lhes que na favela não tem nada que presta, para escrever. Que personagens de favela, são pórnógraficós e os seus atos não mereçem destaque
 – Eles não tem nada com a vida dos faveladós.
 – Eu tambem penso assim. Mas êles me mandaram escrever.
 – A Fernanda olhou-me e disse:
 – a senhóra não vae ganhar nada com isto. Apósto que êles não vae dizer-te nem muito obrigado. porque ja faz tempo, que a senhóra procura infiltrar-se entre as que escreve, e é pôsta de lado como um sapato que já não tem mais conçerto
 Bem... Os jornalistas das Fôlhas falaram. parei bruscamente pensando que não tenho que dar satisfação a Fernanda. E não podendo supórtar o alito alcoolico da Fernanda levantei e encaminhei para o pórtão dizendo-lhe: que não supórtava o cheiro do alcool. Ela olhóu-me com desprêso e fez hum! saí. E elas saíram atraz de mim. (JESUS, 1958 – Caderno 11)

Ao final da leitura do diário, percebemos que Carolina traçou, ou o editor traçou por ela, um retrato moldado, pela forma da escrita que a distingue dos letrados. É o lixo que lhe fornece também o suporte da escrita e os cadernos usados, além de ser seu tema constante. Ela revira o lixo para tentar aproveitar restos de alimentos. Metaforicamente, é esse mesmo resíduo que lhe dá o alimento intelectual.

Os relatos diários da escritora, como aparecem no livro, iniciam-se em 15 de julho de 1955, são interrompidos em 28 de julho do mesmo ano e retomados em 2 de maio de 1958, estendendo-se com breves interrupções até primeiro de janeiro de 1960. Carolina Maria de Jesus só retomou a escrita do diário depois que o jornalista Audálio Dantas a convenceu a dar continuidade aos relatos. A escritora não tinha intenção de publicá-lo, mas sim suas poesias: “...Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.” (JESUS, 2015, p. 28). Entretanto, tendo aquela escrita como única possibilidade de ser reconhecida enquanto escritora e de sair da favela, Carolina se rende à proposta de Audálio e iniciam-se os diálogos com o editor. E assim, diante de uma imagem que apesar de autêntica, foi moldada para atrair olhares, o jornalista inicia a exploração da imagem de Carolina Maria de Jesus.

Audálio disse que Carolina ficou muito contente com a notícia. Ela contou para o repórter que fazia muito tempo que tentava publicar umas poesias, procurando casas editoras, de caderno embaixo do braço, mas nunca ninguém quis ler. “Desistiu de procurar editoras – conta-nos Audálio Dantas –, mas continuou a escrever sobre fome, briga, lama, safadezas e outras coisas da favela”. [...] na reportagem que publicou na “Folha da Noite”, **Audálio Dantas explorou muito bem a sua personagem**: “Catadora de papel, passa fome com filhos pequenos, no barracão infecto, mas sabe ‘ver’ além da lama do terreiro e do zinco da favela...” (FARIAS, 2017, p. 188, grifo nosso)

Figura 16 - Carolina Maria de Jesus escrevendo



Fonte: Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/>

3 O PERCURSO EDITORIAL DO *QUARTO DE DESPEJO*

Ao acessar os cadernos de Carolina, em 1958, o jornalista Audálio Dantas percebeu inúmeras possibilidades com o vasto material, com relatos de fatos cotidianos da vida da escritora, sendo o restante – poemas, contos, romances – descartado. Entretanto, dentre os trinta e sete cadernos que Carolina abrigava sob o teto de zinco do seu barraco, apenas dois tratavam dos problemas que ela e outros moradores do Canindé enfrentavam diariamente. Assim sendo, Dantas lhe pede para retomar a escrita dos cadernos com relatos do dia a dia. Trata-se de algo totalmente novo: a favelada que escreve, que narra a vida dos marginalizados.

De posse dos 35 cadernos, Audálio Dantas, ali mesmo no barraco grudou os olhos neles, não conseguia mais soltar, sabia que havia uma escritora camuflada, escondida, no meio daquela “lama” toda, naquele “barracão infecto”. Leu, então, “o mais empoeirado” dos diários, iniciado no dia 15 de julho de 1955, com esta redação que correria meio mundo: “aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela, mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos.” (FARIAS, 2017, p. 189)

Carolina surge no cenário da Literatura, pautado pela exclusividade de um cânone cuja produção se distanciava da sua. O diário da favelada era sob medida: prometia a revelação do cotidiano da miséria, da marginalidade explícita, fazendo-a despontar com um sucesso perverso em sua trajetória literária. O direcionamento proposital da escrita objetiva à ênfase na miséria e na rotina da favela era sempre o foco. “...Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia.” (JESUS, 2015, p. 125).

Figura 17- Carolina na favela do Canindé



Fonte: <http://culturasacramento.com.br/>

3.1 O corpo da escrita e as mãos do editor: uma edição conveniente

O processo de urbanização da cidade de São Paulo, com os grandes projetos de modernização, trouxe à tona a discussão sobre a pobreza urbana, que deixava de ser tema periférico. A modernização urbana como ameaça à produção agrícola nacional e a leva imensa de migrantes que buscavam os grandes centros atestavam a existência de um grupo até então invisível, mas “ameaçador”. Esse quadro significava notícia e, assim, Audálio dimensionou um fato que já era parte da realidade. Entretanto, Carolina não era apenas autora do surpreendente diário. Em sua concepção de poeta – como ela mesma se intitulava – produziu muito mais: poemas, peças de teatro, provérbios, contos e romances que, lamentavelmente, foram apagados diante da aceitação do *Quarto de Despejo*. O sucesso do livro encobriu os demais escritos da “lucrativa” escritora, relegada à autora de um só texto.

Figura 18- Carolina em seu barraco, na Favela do Canindé



Fonte: <http://www.afreaka.com.br>

O intenso recorte de Carolina enquanto a preta, favelada e catadora de lixo interessava ao jornalista Audálio Dantas e a disseminação dessa imagem foi obtida com grande êxito. Em termos de atenção ao restante dos demais cadernos, a ele pouco – ou nada – interessava. Enquanto “descobridor”, bem articulado, integrado ao contexto jornalístico, Audálio também orientou Carolina com instruções comportamentais. A pobre mulher saída da favela, transformada em uma das pessoas mais noticiadas do país e vista pelo mundo era alguém que sequer possuía documentos de identidade. Questões referentes à lida com o dinheiro e com a imprensa foram pontas importantes do desenrolar dessa caminhada. Até onde iriam as responsabilidades de Audálio? Quem é quem nesta relação?

A articulação dos fatos narrados em *Quarto de Despejo* revelava uma unidade que dava palco à mulher que, mesmo na pobreza, não declinou sua visão de mundo dividida entre o drama e a poesia. A suficiência dada por aquele formato de escrita remete à teoria de que problemas bastantes já tinham sido levantados e que, além daquilo, nada mais sobre Carolina interessaria. A preocupação do jornalista não foi a de mostrar a vasta e grandiosa produção de uma escritora, mas valer-se da comoção gerada pelo relato de uma realidade que, mesmo diante dos olhos da sociedade, era silenciada. Uma realidade cruel de fome, escassez e de

invisibilidade de companheiros de infortúnios que lutavam pela vida. Para Mbembe (2018), “se considerarmos a política uma forma de guerra, devemos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem do poder?”. Em Carolina, essas feridas vão além do corpo: corroem a alma.

Vale salientar que, apesar do marketing utilizado por Audálio Dantas ter ajudado Carolina a ser celebrada como foi, por outro lado, ocultou a imagem da mulher intelectual, dotada de uma incrível capacidade produtiva. Diante de uma sociedade cujo cânone tem cor e gênero, a inserção daquele tipo de texto o direcionaria de maneira apelativa. Regina Dalcastagnè esclarece:

Tal como outras esferas de produção de discurso, o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão. Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações. Conforme mostra uma ampla pesquisa sobre a totalidade dos romances publicados pelas principais editoras do País nos últimos 15 anos, a homogeneidade dos autores se reflete em suas criações. O outro (mulheres, pobres, negros, trabalhadores) está, em geral, ausente; quando incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem voz e, muitas vezes, marcado por estereótipos. Daí a tensão presente em textos de escritores e escritoras provenientes de outros segmentos sociais, que têm de se contrapor a essas representações já fixadas na tradição literária e, ao mesmo tempo, reafirmar a legitimidade de sua própria construção. Carolina Maria de Jesus – mulher, negra e favelada que buscou reconhecimento como escritora nos anos 1960 – expressava essa disputa com clareza ao advogar que “é preciso conhecer a fome para descrevê-la” (DALCASTAGNÈ, 2007)

E complementa:

... Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem. Ao mesmo tempo, discutem-se as questões correlatas, embora não idênticas, da legitimidade e da autoridade (palavra que, não por acaso, possui a mesma raiz de “autoria”) na representação literária. Tudo isto se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério. (DALCASTAGNÈ, 2007)

As interferências e o direcionamento da produção escrita não deram à essa grandiosa escritora o reconhecimento por sua competência, mas por um exotismo. Uma leitura superficial nos faz acreditar que Carolina Maria de Jesus tinha fome apenas de comida. Entretanto, sua fome era existencial, visto que refletia sobre a vida, suicídio, comportamentos mediados por uma linguagem lírica e seca.

3.2 A edição de ouro: a recepção de *Quarto de Despejo*

A participação do jornalista Audálio Dantas no livro de Carolina Maria de Jesus, seja no direcionamento da escrita, seja nos ajustes que descaracterizaram o discurso de fiel transcrição, foi, de fato, condição para sua publicação. O jornalista, inteligentemente, antecipou alguns trechos do livro escrevendo reportagens periódicas sobre Carolina para testar a recepção do público, antes do lançamento. Ainda que Carolina escrevesse poemas, contos, romances há muito tempo, é fato que somente o encontro com Audálio a faz retornar a escrita do diário. A pretensão de publicá-lo e de se consagrar enquanto escritora levou Carolina a “negociar” com seu mediador. O jornalista também foi o responsável por datilografar e ordenar os manuscritos para publicação e, a organização foi tão expressiva e bem articulada, que ele foi acusado, em várias ocasiões depois do lançamento, de ter forjado o diário. Diante de alguns originais na Biblioteca Nacional, foi possível compreender mais sobre Carolina, sobre sua opinião a respeito do jornalista e sobre o que foi, propositalmente, retirado do conhecimento do público.

24 de dezembro de 1959

Eu pedi a Dona do centro para dar-me o seu nome para o meu diário, e mostrei-lhe a reportagem do O Cruzeiro. Um jovem se interessou pelo nome do repórter. Disse-me que o repórter que fez a reportagem ganhou dinheiro que dá pra êle viver o ano todo folgado. Fiquei contente, porque eu gosto do Audálio – vieram as perguntas. E eu, já estou habituada.

– Ele deu-te alguma coisa?

–Não.

–Eles estão explorando-te

–Eu vou receber dêpois que o livro sair. O repórter Audálio é muito correto.¹⁷

Os escritos, com tom realístico, poderiam servir de testemunho de um problema social, o que era bastante conveniente aos interesses de intelectuais que, à época, buscavam discutir e refletir o desenvolvimento do país. Além de ser escritora, Carolina Maria de Jesus pode ser caracterizada não apenas pelo fato de dominar a leitura e a escrita, mas também por ser detentora de qualidades superiores aos demais. Ela condena o consumo de álcool e faz crítica

¹⁷ Trecho do Diário 21 – 27 de outubro de 1959 a 24 de dezembro de 1959 – 47, GAV, 14, acessado na Biblioteca Nacional e que não está presente na obra *Quarto de Despejo*.

aos favelados por comportamentos que considerava imorais e impróprios, como a violência de maridos batendo em suas esposas, roubos, promiscuidade. Concomitantemente, demonstra sensibilidade ao denunciar questões sociais da favela. Seus cadernos tornaram-se, também, um lugar para desabafos políticos, como em “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2015, p. 32) e

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer.

... Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que só eu levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (JESUS, 2015, p. 33)

Ao montar o texto para publicação, Audálio Dantas promove uma revisão em relação à pontuação, ortografia, vocabulário e termos que se repetiam, conforme ele mesmo afirma no prefácio de *Quarto de Despejo*, além de organizá-lo numa arquitetura própria. Nessa etapa, observam-se três tipos de modificação em relação ao manuscrito: acréscimos, substituições e supressões. A intenção do editor foi a de compor uma imagem da autora eliminando o que possa haver de suposta erudição na linguagem de Carolina. Isso ajudou a construir o estereótipo de uma personagem do povo, com pouca escolaridade, favelada. Quando iniciou a escrita nos cadernos, em 1955, Carolina Maria de Jesus já vivia há sete anos na favela do Canindé, lutando diariamente, catando papéis. Foi ao longo dessa trajetória que persistiu com o hábito de escrever. Todavia, temia a publicação dos escritos sobre a favela, tendo em vistas as pessoas citadas: “...Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar.” (JESUS, 2015, p. 78). A fala revela, então, uma articulação para a publicação do diário.

No que diz respeito à autoridade acerca da produção do livro, sua criação, de fato, não é uma idealização exclusiva do autor: há as produtivas mãos de impressores, ilustradores e dos editores. Entretanto, o editor também recebe a tarefa de comerciante, visto que a interferência no processo editorial tem, além de cunho financeiro, uma relação ideológica, uma finalidade. Por isso, intervenções que podem alterar a leitura, direcioná-la, como a seleção e a introdução de imagens e capas, por exemplo, ficaram bem mais evidentes após essa complexa elaboração. No que diz respeito ao *Quarto de Despejo*, esses processos interferem nas estruturas para atrair leitores e facilitar a comunicação com eles.

Sabemos que os textos não existem excluídos de seus suportes materiais ou virtuais, assim como também não existem sem a atualização do leitor. Porém, os discursos sobre os

processos de intervenção das obras precisam estar alinhados com o que sobre elas é divulgado, o que não ocorreu na primeira obra de Carolina Maria de Jesus. Não se pode negar a importância do papel do editor, essencial no processo de publicação da obra. Autor e editor caminham juntos neste processo.

Antonio Houaiss, entretanto, ao abarcar o editor como aquele que dá à luz, no conceito amplo de autor, levanta uma questão muito relevante. É evidente que o editor, em muitas situações, confunde-se com o autor, atuando mesmo como tal, na edição de livros. É dele, muitas vezes, “a causa principal, a origem de”, atribuições semânticas do conceito de autor. De fato, e não só como “editor de texto” ou “diretor de texto”, como garante Houaiss, mas a figura plena do editor poderia estar incluída no conceito “amplo” de autor. Pois, afirmamos nós, todos os livros são produto da ação combinada do autor e do editor. Às vezes gestados mais pelo autor, outras vezes criados pelo editor. (BRAGANÇA, 2005, p. 222)

Na obra *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, o historiador francês Roger Chartier, estudioso dos significados sociais dados aos textos pelo autor e pelo leitor, explica que em períodos históricos distintos – na Antiguidade, na Idade Média, no Antigo Regime e no período contemporâneo – houve leitores, autores e, de certo modo, a figura do editor. Ainda que de maneira diferenciada da que conhecemos atualmente, o editor também existiu, guardando as especificidades dos períodos e da sua própria atuação. Nos anos 1830, então, fixou-se a figura do editor como é conhecida atualmente. Tratava-se de uma profissão de natureza intelectual e comercial que visava buscar textos, encontrar autores, ligá-los ao editor, controlar o processo que envolvia desde a impressão da obra até a sua distribuição. Todo leitor diante de uma obra, afirma Chartier, a recebe em uma circunstância e forma específicas, mesmo quando não tem consciência disso.

No século XVIII, a teoria do direito natural e a estética da originalidade fundamentam a propriedade literária. Uma vez que se justifica, para cada uma, a posse dos frutos de seu trabalho, o autor é reconhecido como detentor de uma propriedade imprescindível sobre as obras que exprimem seu próprio gênio. Esta não desaparece com a cessão do manuscrito àqueles que são seus editores. Não é, portanto, de se espantar que sejam estes últimos os que tenham moldado a figura do autor-proprietário. [...] O editor, tal como ainda existe, na véspera da revolução eletrônica, originou-se da ou das revoluções industriais que o livro conheceu no século XIX. (CHARTIER, 1998, p. 49,50)

Assim sendo, ainda que o editor controle o processo de editoração pelo qual o livro passa, há de se questionar essa condição na medida em que é “vendida” sob discursos de transparência ou neutralidade, como ocorreu em *Quarto de Despejo*. Problematizar a figura do editor enquanto mediador, enxergá-lo como um sujeito de projetos e interesses próprios, a disputar o controle do discurso. Todavia, não podemos menosprezar os interesses e ambições do outro sujeito envolvido, o sujeito testemunhal.

Se pensarmos que certa subordinação na relação de Carolina e Audálio como um risco inerente à busca por inclusão social e participação na esfera pública, entenderemos que fins justificaram os meios. Na incessante busca de Carolina pelo acerto, convicta de que não domina a técnica – portanto, admite e trabalha com a possibilidade de erro, a valorização almejada ocorre muito mais pelo reconhecimento de seu grande empenho em acertar. Como gestor interessado na divulgação da autenticidade do discurso testemunhal, Audálio Dantas decide manter parte dos erros gramaticais e de sintaxe contidos nos manuscritos. “Parte” porque o próprio prefácio, diante das contradições de declarações, aponta para um caminho diferente: ora afirma que a linguagem da autora foi fielmente respeitada, ora assume alterações na pontuação e grafia de algumas palavras.

Assim, quando o leitor de *Quarto de Despejo* passa a ter acesso ao erro original, passa também a ter a medida mais exata da dificuldade técnica de Carolina. Tornando essa dificuldade técnica visível, criam-se condições para o que leitor perceba na narrativa o esforço de superação de Carolina, também se apiedando dela.

...Quando cheguei ao palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E meu filho João José disse-me:
 – Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.
 Foi a primeira vez que vi minha palavra falhar. Eu disse:
 – É que eu tinha fê no Kubstchek.
 – A senhora tinha fê e agora não tem mais?
 – Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.
 ...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 2015, p. 39)

O testemunho mediado foi uma estratégia para a conquista dos leitores de *Quarto de despejo*. Há um discurso disputado por dois sujeitos, o sujeito testemunhal e o mediador, que negociam e se articulam, ainda que boa parte das escolhas tenha sido resultado da decisão de ambos. Escolha minuciosa de manuscritos, o direcionamento da escrita focando nos acontecimentos da favela, prioritariamente no que diz respeito à fome, resultou no grande interesse por *Quarto de Despejo*. A obra, lançada em 19 de agosto de 1960, foi um sucesso. Carolina Maria de Jesus ficou conhecida internacionalmente, e seu livro ganhou mundo afora.

Figura 20 - Nota sobre o lançamento de Quarto de Despejo no Estado de São Paulo - 19/08/1960

O ESTADO DE S. PAULO
 JULIO MESQUITA (1891 - 1927)
 ANO LXXXII SEXTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1960 NUM. 26.159 REDATOR-CHEFE: MARCELINO RITTER

Otimismo em Caracas diante das últimas notícias de San José

CARACAS, 18 (AP) — Franco alfonso gonzalez hizo sus primeras declaraciones públicas en un momento de optimismo por las últimas noticias de San José. El presidente gonzalez dijo que se esperaba un acuerdo pronto con los dominicanos.

A maioria dos chanceleres seria favorável à adoção de rigorosas sanções contra a Rep. Dominicana



Entrevista do chanceler dominicano
 Perfil Herrera Beza presta declarações Conferência de Chanceleres da OEA, que se realizou em San José.

Notas redadas de San José em 18 de agosto, 1960, e publicadas na edição de ontem do Estado de São Paulo, dão uma visão da situação política da República Dominicana e da postura da maioria dos chanceleres da OEA em relação ao problema. O chanceler dominicano, Juan Antonio Herrera Beza, declarou que a maioria dos membros da Comissão de Chanceleres da OEA é favorável à adoção de sanções rigorosas contra o regime de Batista. Herrera Beza afirmou que o governo dominicano está disposto a negociar com o regime de Batista, desde que este aceite condições que garantam a liberdade política e a democracia no país.

Em sua declaração, o chanceler dominicano afirmou que o regime de Batista é responsável pela situação atual da República Dominicana. Ele mencionou que o regime de Batista tem violado a constituição e a liberdade de expressão. Herrera Beza também mencionou que o governo dominicano está disposto a negociar com o regime de Batista, desde que este aceite condições que garantam a liberdade política e a democracia no país.

Em sua declaração, o chanceler dominicano afirmou que o regime de Batista é responsável pela situação atual da República Dominicana. Ele mencionou que o regime de Batista tem violado a constituição e a liberdade de expressão. Herrera Beza também mencionou que o governo dominicano está disposto a negociar com o regime de Batista, desde que este aceite condições que garantam a liberdade política e a democracia no país.

México seria decretado o estado de sítio

CIDADE DO MEXICO, 18 (AP) — Miguel Alemán, ex-presidente do México, está sendo acusado de fraude eleitoral. O presidente atual, Adolfo López Mateos, decretou o estado de sítio no México em resposta às acusações de fraude eleitoral.

Proposta dos EUA

Palácio da Legação, em San José, 18 de agosto. O chanceler dominicano, Juan Antonio Herrera Beza, recebeu uma proposta dos Estados Unidos para a mediação do conflito entre o México e a República Dominicana. A proposta dos EUA sugere que o México e a República Dominicana possam chegar a um acordo através de negociações diretas.

Peru

O senador peruano, Raúl Barreto, declarou que o Peru está disposto a apoiar as sanções contra o regime de Batista. Barreto afirmou que o Peru quer ver o regime de Batista deposto e substituído por um governo democrático.

Bolivia e Haiti

Elmundo e Haiti, ministros das Relações Exteriores da Bolívia, também pediram a adoção de sanções contra o regime de Batista. Os ministros afirmaram que o regime de Batista é uma ameaça à estabilidade e à democracia na América Latina.

Colômbia

Embargo de petróleo, ministro das Relações Exteriores da Colômbia, também pediu a adoção de sanções contra o regime de Batista. O ministro afirmou que o regime de Batista é uma ameaça à estabilidade e à democracia na América Latina.

Atmosfera

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Tahama presidirá a VII Reunião

As negociações para a VII Reunião da Comissão de Chanceleres da OEA estão avançando. O chanceler de Tahama será o presidente da reunião.

Greco de protesto

Manifestações de protesto ocorreram em Atenas devido às sanções contra o regime de Batista. Os manifestantes exigem o fim das sanções e o reconhecimento do regime de Batista.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Balaguer apresenta projeto para anistia dos presos políticos

CIDADE DE TRUJILLO, 18 (AP) — O presidente Balaguer anunciou que se prepara para apresentar um projeto de lei de anistia para os presos políticos. Balaguer afirmou que o projeto de lei é necessário para promover a reconciliação nacional e a estabilidade política.

Poção argentina

Estado de guerra, o presidente argentino, Juan Perón, declarou que o país está em estado de guerra devido à situação política. Perón afirmou que o país está enfrentando uma crise política e que ele está tomando medidas para garantir a estabilidade.

Indonésia levaria a ONU o litígio sobre a Nova Guiné

JAKARTA, 18 (AP) — O presidente indonês, Sukarno, anunciou que se prepara para levar o litígio sobre a Nova Guiné à Organização das Nações Unidas (ONU). Sukarno afirmou que a Indonésia quer resolver o litígio através de meios pacíficos.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

Alfaro

Em San José, a atmosfera é tensa devido às discussões sobre as sanções contra o regime de Batista. Os membros da Comissão de Chanceleres da OEA estão trabalhando para chegar a um acordo sobre as sanções.

NOBEL
 CONJUNTO DE ENGENHARIA S.A.

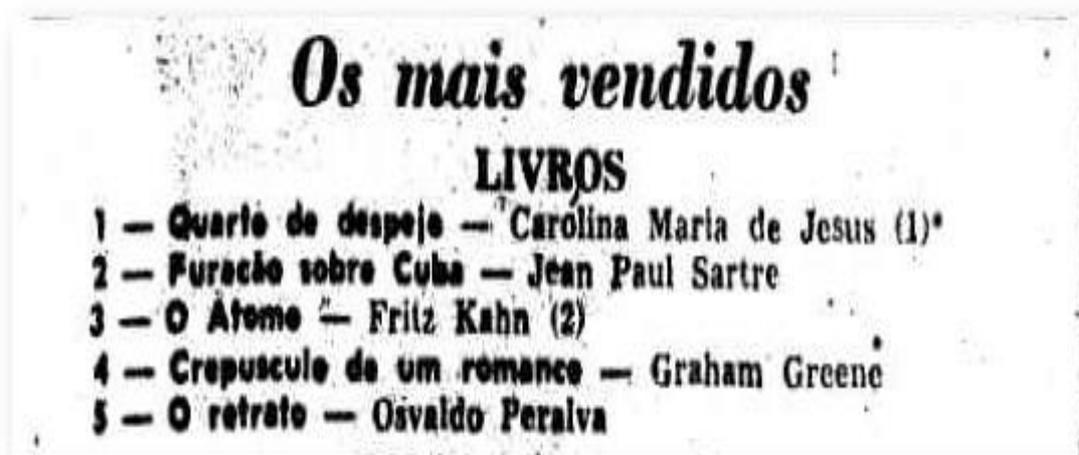
Veja nas páginas: 32 e 33 a última oportunidade no rua Dom José de Barros

AGORA PARA FRONTEIRA ENTREGA
 Vendedores: Av. Bernardino de Campos, 308, sobrelaje
 Tel. 21-2622 - São Paulo
 Fabricação: Rua Condi, 140 - Tel. 61-6264 - Santo Amaro

AGUA DO SUBSÓLO
POCOS ARTESIANOS
 CHAT-JANER
 FONE: 37-1571

Marcos da vida literária brasileira
 1854
 1960
QUARTO DE DESPEJO
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
 Rua Libero Badur, 232
 1109 SÃO PAULO - SP

Figura 21- O Estado de S. Paulo - 25/9/1960

Figura 22- Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas em um dos lançamentos de *Quarto de Despejo*

Fonte: <https://instagram.com/kitabulivraria>

Figura 23- Carolina Maria de Jesus autografando no lançamento de *Quarto de Despejo*



Fonte: <https://instagram.com/kitabulivraria>

Figura 24- Carolina Maria de Jesus autografando no lançamento de *Quarto de Despejo*



Fonte: <https://instagram.com/kitabulivraria>

A experiência profissional de Audálio Dantas foi essencial no processo editorial da obra de Carolina Maria de Jesus. Enquanto editor e detentor dos cadernos de Carolina à medida em que eram escritos, o jornalista selecionou criteriosamente os trechos que, para o momento político, evidenciariam um grande acontecimento.

São os editores, enfim, que decidem que textos vão ser transformados em livros. E, pensando em qual público a que devem servir, como serão feitos esses livros. Mesmo quando não é deles a iniciativa dos projetos, é deles que parte a direção a seguir. É neste lugar de decisão e de comando, e de criação, que está o coração do trabalho de editor. É também esse lugar que exige dele saberes específicos (“escolher, fabricar, distribuir”), que o diferenciam dos demais agentes envolvidos no processo editorial, e lhe impõe responsabilidades únicas, profissionais, sociais, econômicas, financeiras, administrativas e mesmo (juntamente com os autores) judiciais. Funcionam, pois, os editores como um filtro no elo entre autor e leitor. Filtro que pode ser uma barreira intransponível entre um escritor, com um manuscrito, e um autor, e os leitores, mas que pode, também, ser a ponte entre um escritor inédito e um autor consagrado e lido. (BRAGANÇA, 2005, p. 224)

Porém, a discussão se dá em torno do discurso sustentado: o de que o livro fora uma transcrição fiel dos manuscritos originais, e que a ortografia fora respeitada. Para um profissional com apenas quatro anos de experiência e cujo emprego era num grande jornal, Audálio viu nos cadernos de Carolina Maria de Jesus a oportunidade não apenas de divulgar o que neles estava escrito, mas a de apresentar à sociedade da “sala de visitas” a realidade da fome e da miséria contada com protagonismo. Por toda a articulação desenvolvida, *Quarto de Despejo* foi um sucesso avassalador, que proporcionou à Carolina viagens internacionais, participação em eventos e destaques na mídia, reconhecimento por ela esperado desde o início de seus escritos.

Figura 25- Carolina Maria de Jesus no aeroporto



Fonte: admbrasileira.worldexpress.com

Figura 26- Revista *O Cruzeiro* - 1960, edição 004, página 41



a
repor-
tagen
que
não
foi
es-
crita.

MÁRIO DE MORAES

QUARTO DE DESPEJO (I)

MEU colega Audálio Dantas (a meu pedido) me escreve de São Paulo:

— Quando conheci Carolina, andava à procura de elementos para uma reportagem, "em profundidade", sobre as favelas de São Paulo. Fui parar na do Canindé, uma das mais "escondidas" da cidade (localizada numa baixada, na beira do Rio Tietê) e, destacando-se num grupo de mulheres, estava uma negra alta, vestida de vermelho, que berrava com uma coragem espantosa: desafiava uns dez marmanjos que se apostavam de umas gangorras colocadas na favela pela Prefeitura, para as crianças. Carolina ameaçava com um registro em "meu livro".

Esta é a conhecida história do encontro do repórter Audálio Dantas com a favelada Carolina Maria de Jesus, autora do livro "Quarto de Despejo", sucesso absoluto de livraria, com quatro edições em menos de dois meses. Deixarei, porém, que a carta de Audálio continue falando sobre o "diário de uma favelada":

— No barraco, Carolina mostrou-me cadernos de "poesia", "romances", "contos" e até de "provérbios" de sua lavra. Li, achei interessante, a negra tinha jeito para escrever, mas os seus personagens não eram aqueles malandros que haviam tomado conta das gangorras. Arrisquei um palpite:

— Por que não escreve sobre o que acontece aqui na favela?

— Eu escrevo, mas não p'ra publicar.

Foi uma luta para que ela me mostrasse o "livro com as coisas da favela". Contou-me que já havia procurado todas as editoras de São Paulo, as redações dos jornais, mas ninguém se dava ao trabalho nem de olhar os cadernos. E por isso estava braba com os brasileiros, ia mandar os seus escritos para os Estados Unidos. Insisti para que me mostrasse os "outros cadernos", até que ela concordou. Revolveu uma gaveta de um velho guarda-comida, chela de papéis e de trapos e de lá retirou dois cadernos de folhas manchadas, onde estava o seu registro do dia-a-dia, iniciado no dia 15 de julho de 1955 (estávamos em abril de 58). A leitura de duas ou três páginas foi o bastante para que eu me convencesse da importância daquele depoimento, tão autêntico, tão fiel e amargo, que dei-lhe de escrever a tal reportagem "em profundidade" sobre a favela. O que fiz foi transcrever alguns trechos para uma reportagem sobre Carolina, publicada em "O Cruzeiro", com a consciência de que nenhum repórter do Mundo poderia fazer reportagem sobre favela tão bem quanto ela.

Levei os cadernos, sob forte desconfiança de Carolina, que já não acreditava em promessa de ninguém. Quando eu lhe disse que publicaria seu "diário" em livro, ela não disse nada; limitou-se a um sorriso entre amargo e irônico. Na verdade, ela não escrevia o "diário" pensando em publicá-lo. Preferia publicar um livro de poesias, contos, provérbios. Ou um romance (ela tem vários escritos) cujos personagens são imaginários condes, marqueses, costureiras, jogadores — gente burguesa, quase sempre, de fora da favela. Uma maneira de evadir-se, talvez, da própria miséria de seu meio.

O meu grande trabalho, mesmo, foi convencer Carolina de que o seu "diário" verdadeiro era mais importante do que aquelas "histórias inventadas". Vim a saber, mais tarde, que ela se queixava amargamente a outras pessoas, dizendo que o "Audálio não quer que eu escreva romances" ou "o Audálio não gosta de poesia".

Outra grande dificuldade: Carolina nunca se convenceu totalmente da minha intenção de levar seu diário a ser impresso em livro. Quando eu viajava e ela me procurava dias seguidos sem encontrar-me, deixava a dúvida no "registro do dia" (num de seus cadernos ela escreveu que "acho que o Audálio está me enganando"). Enquanto isto, eu mergulhava na leitura de seus originais, com uma grande preocupação: selecionar os melhores trechos, sem alterar absolutamente nada.

A carta é longa e tem mais coisas interessantes para contar. Continuarei na próxima semana.



A atração
é mutua
com



No. 4711

EAU DE COLOGNE

Colonne

Figura 27- Revista *O Cruzeiro* - 1960, edição 005, página 137

O shampoo que lava colorindo

wellaton é um shampoo ultra-moderno que lava e colore o cabelo em tonalidades da moda ou aviva os tons naturais, com brilho e esplendor.

Nuances da Moda
 33 - Louro claro dourado
 34 - Louro dourado
 35 - Louro avermelhado
 36 - Ticiano
 37 - Castanho avermelhado
 38 - Acajú
 39 - Cobre
 40 - Azulado
 43 - Cendré

Tonalidades Naturais
 51 - Preto
 53 - Castanho escuro
 54 - Castanho médio
 55 - Castanho claro
 56 - Louro escuro

a
repor-
tagem
que
não
foi
es-
crita.

MÁRIO DE MORAES

QUARTO DE DESPEJO (II)

NA semana passada publiquei parte de uma carta que recebi de São Paulo, onde o repórter Audálio Dantas me conta a história do livro "Quarto de Despejo", de autoria da ex-favelada Carolina Maria de Jesus, absoluto sucesso de livraria, com quatro edições em menos de dois meses. Hoje, como prometi, transcrevo outros trechos da missiva enviada por meu colega paulista. Conta ele:

— Durou um ano de horas que seriam de folga, o trabalho de selecionar os melhores trechos do "diário", sem alterar absolutamente nada. Fazia visitas frequentes à favela, para informar a Carolina que as coisas iam bem. Nem sempre ela se mostrava certa de que seu livro seria impresso. Finalmente, em maio deste ano, fui até lá para avisá-la de que deveria assinar contrato com a editora. Ela sorriu com todos os dentes e disse que tinha certeza de que "você não ia me enganar".

Dai a alguns dias voltei à favela e senti uma das maiores emoções de minha vida: nas tábuas escuras de vários barracos estavam escritas a giz frases assim: "Viva o Audálio", "O Audálio é nosso", "O Audálio é o melhor homem do mundo". Foram escritas por João José, filho de Carolina, personagem do "Quarto de Despejo". Senti que meu trabalho estava mais do que pago.

Durante quase dois anos visitei a favela inúmeras vezes, sem nunca ao menos imaginar uma "revanche" por parte de "bambas" que sabiam estarem retratados no livro da negra Carolina. Curioso, nunca soube quem eram eles. Agora, Carolina informa que "eles se escondiam quando viam você chegar". Tinham medo de "sair no jornal". Em compensação eles se reúnem de vez em quando e dão surras em soldado de polícia que apanham desprevenido. Dêles, escapei.

Não escapei de alguns "bambas" cá de fora: sou acusado até de "querer ser dono da escritora" por alguns idiotas, enciumados pelo sucesso de "Quarto de Despejo" (eles pensam que eu estou ganhando dinheiro e não me perdoam por isso). Até agora já apareceram uns quinhentos "protetores" que se ofereceram para prestar serviços à "pobre favelada" que, a esta altura, já é dona de um milhão de cruzeiros, provenientes dos direitos autorais de seu livro.

Quanto ao livro, é impacto enorme, "bomba" que dá o que falar a espíritas, católicos, protestantes, ateus, comunistas, udenistas, nazistas, literatos, pseudoliteratos, cientistas. Há críticos que me criticam por conservar a "linguagem rústica" de Carolina e há críticos que deparam com idéias ou palavras que, segundo eles, não podiam ter sido escritas "por uma favelada". Um até encontrou três palavras (abluí-me, aleitei-me e aleitei-as) que "devem correr por conta de Audálio Dantas". Tudo porque é difícil para muita gente se despir de preconceitos (ou de culpas sociais) para admitir que até "uma negra favelada" tem o direito de dizer quantas palavras difíceis quiser... De resto, os originais estão bem guardados.

Audálio termina com a informação de que o livro de Carolina Maria de Jesus será editado na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Itália, em Israel (hebraico), na Argentina, na Polônia e na Noruega. "Enquanto os literatos indígenas (nem todos, nem todos!) torcem o nariz, danadinhos da vida, pois "Quarto de Despejo" não se "enquadra" nos escaninhos da literatura."

Isto o que me contou Audálio Dantas. Sem saber que eu publicaria sua carta quase na íntegra, certo de que ela tem muito a informar. E muito mais poderia ter contado, ele que é o "pai" da história, que foi buscar na favela os cadernos amarelados de Carolina, em que ninguém acreditava, e os transformou em "best seller". Ele que, à guisa de prefácio, fez uma excelente apresentação do livro, na qual confessa, ao fim:

"E amor, amor grande, tenho por este Quarto de Despejo".

Figura 28 - Revista *O cruzeiro internacional* - 1960, edição 24, página 58

UNA mujer de 46 años, madre de tres niños, perpetua, de tres años de edad y con sólo dos años incompletos de escuela primaria, de la noche a la mañana salió del anonimato y de la miseria para alcanzar la consagración pública, como autora de una novela prácticamente autobiográfica denominada "Quarto de Despejo", título del original en portugués, obra que es antes de un caso, después de su presentación, se ha convertido en éxito de librería en las ciudades de São Paulo y São Paulo, y logró ser leído a un plantel acostumbrado las obras de novelas y famosas escritoras extranjeras y de este país.

Carolina Maria de Jesus es el nombre de la antigua desahogada y obrera fabril que con su obra, que es el diario sincero, íntimo y dramático de una desahogada que se rebela contra su condición social, ya ganó más de 400.000 cruzeiros (unos tres mil dólares). Es posible que esta sencilla ganara otros del doble de esa cantidad, con la segunda edición que se prepara de "Quarto de Despejo", que está siendo traducida a otros idiomas, con lo cual la autora pasará a la categoría de la gran rita o una gran.

En la novela se narra y, al mismo tiempo, conmemora. Era el 12 de julio de 1960. Barraca N.º 4 de la calle 3.ª Fátima (conjunto de chinos inmigrantes de Curitiba, en la ciudad de São Paulo). La mujer Carolina Maria de Jesus nació hacia los cuatro primeros de la guerra y tuvo un grado de desesperación. Nada tenía para comer, y los tres pequeños, sus hijos João José de 12 años, José Carlos de 8 y Vera Estela de 5, gemelos de hermanitos. Vera Estela, la más pequeña, tenía un dulce pedazo: además de servirle pan para alimentarse, desahoga un par de papitas, pues ese día era el de su cumpleaños. Los otros dos hermanos, João José y José Carlos, sólo llevaban un bocado.

Carolina, la madre, buscaba un medio de vida en los factos de banca, en reuniones de desahogados y en terrenos baldíos. En una triste y desesperada banca, había hallado el día anterior un libro de registro de cuenta corriente, con algunas páginas en blanco. Buscó una estufa de escape para su vivienda y empezó poder desahogarse un poco, al relatar su existencia y angustias desde la persona que era su vida llena de privaciones.

Texto de AUBALDO BARTAS Foto de GEORGE TOROK

Figura 29 - Revista *O cruzeiro internacional* - 1960, edição 24, página 59



"Favela" es sinónimo de miseria, desesperación, privaciones, actos de delincuencia, de violencia. "Favelada" es quien vive (o pasa de hora en hora) en medio de tal condición. De aquí salió Carolina Maria de Jesús, autora de "Quem de Deus é", quien escribió el original de su obra en hojas de un cuaderno hallado entre otras basuras.

DIARIO DE UNA "FAVELADA"



Figura 30 - Revista *O cruzeiro internacional* - 1960, edição 24, página 60



Figura 31 - Revista *O cruzeiro internacional* - 1960, edição 24, página 61

mirada en el cuaderno y libros de zumbis vertiendo, escritos desde la primera hasta la última página. Con esto, el reportero se quedó entusiasmado y comenzó a interesarse en la publicación.

Después el original manuscrito fue copiado a máquina, se envió a las casas editoras. Más de una de ellas rechazaron el libro de Carolina. Sin embargo, la Librería Francisco Alves decidió arriesgarse. Uno de los integrantes de su directorio había leído a conciencia el texto, que era probable que, con la publicación de "Quarto de Despejo" y su transformación en éxito de librería, se dignaría a hacer desaparecer la farsa de Castaldi. Por otra parte, el contenido del libro de Carolina se podía clasificar satisfactoriamente como un gran reportaje, que vio la luz en la edición en portugués de "O CRUZEIRO" (N.º 36 de fecha julio 28, 1959). Cuando apareció ese número, la señora Carolina estaba feliz, y tradujo en estado de ánimo a las páginas de su diario:

"Cuando Juan volvió, me dijo que el reportaje había salido. Después una biblioteca en busca de dinero. Sólo tenía 22 cruzeiros. Me faltaban dos. El señor Luis me los prestó. Y Juan fue a buscar la revista. No cuando se quedó viviendo como revista de año. ¿Qué habría escrito sobre mí? Cuando volvió Juan con la revista, le dije: '¡Bueno de la Paula es el Diario de Carolina!'. En lectura a todo el reportaje. Mucho de ropa y me fui a la ciudad. Ahí, con los vendedores de periódicos que O CRUZEIRO hablaba sobre mi persona".

Los días alegres de Carolina, así como sus días tristes, han sido relatados detalladamente en "Quarto de Despejo", que se ha convertido en éxito nacional de librería, y desde el día de su presentación al público, ha constituido un verdadero record de ventas. Sólo el primer día, Carolina pudo su autógrafo en ochocientos de ejemplares. Durante más de cinco horas consecutivas. La Librería Francisco Alves editora del libro, en forma directa, vendió al público la cantidad de 1.000 ejemplares, en tres días, teniendo en cuenta que la primera edición de este libro alcanza a 10.000 ejemplares.

"Quarto de Despejo" no es un simple diario, con los ligeros aperturas e incidentes de una novela. Es una rigurosa denuncia, basada en hechos, contra un personaje que se llama castaldi. Hace una descripción de las escuelas nacionales, como una profecía del pueblo en la persona de un miembro del pueblo.

La novela de Carolina María de Jesus entró con el pie derecho en las letras brasileñas: superó en ventas a las obras de conocidos autores nacionales, como Jorge Amado, Carlos Lacerda (Gobernador electo del entonces Estado de Guanabara, ex Distrito Federal de Brasil) y Aires Vargas (hijo del ex Presidente Getúlio Vargas). En São Paulo, "Quarto de Despejo" comenzó a la opinión pública, y provocó debates y polémicas sobre el problema de las favelas. Y se colocó en el primer lugar de ventas, dejando el segundo a B. Russell, el tercero a Marjorie Montgomery, el cuarto a Graham Greene, y el quinto a John Paul Sartre.



Carolina María de Jesús (a la derecha), cuenta las primeras ganancias que le permitieron salir de la favela de Castaldi. Ahora quiere educar decentemente a sus tres hijos.



**"Quarto de Despejo"
se convirtió en
éxito de librería
y polémica pública**

Figura 32 - Periódico *Letras da Província* - 1960, edição 141-142, página 3

Numeros 141-142 LETRAS DA PROVÍNCIA Pagina 3

Se pretende comprar um televisor escolha um

P H I L C O

Demonstração, Venda e Assistência Técnica:

A CIDADE DOS MÓVEIS
de Rosenthal & Cia
L I M E I R A

Gráfica «GUARANI»

Impressos em Geral

Valdomiro da Cruz Maduro

Praça Toledo Barros, 150
Fone 2331 - LIMEIRA

ARGENTINA COSCI

Parteira Diplomada

Consultório e residência:

Rua Dep. Octavio Lopes, 205
Fone 1045-LIMEIRA

**DR. AVELINO NOVAES
TEIXEIRA JÚNIOR**

— ADVOGADO —

Escritório: Rua Santa Cruz, 965
Fone 2811



HERNÂNI DONATO

MUITO embora o ano esteja sendo pródigo em acontecimentos literários, a ondulação maior, pelas características do caso, partem do livro «Quarto de Despejo», da senhora Carolina Maria de Jesus, mulher de meia idade, negra, favelada. Bem lançada, publicitariamente falando, obteve repercussão e filas para autógrafos apenas iguais por aquelas que tinham nas suas pontas Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Houve televidado, promessas de políticos (o ministro do Trabalho prometeu-lhe formalmente uma casa em troca do barraco da favela), entrevistas, conferências e um diploma de acadêmica (Academia de Letras da Faculdade de Direito). O juízo definitivo virá com o tempo. Pois há os que rezeiam o drama da criatura simples exposta na ribalta por um momento e arrastada depois para a penumbra primitiva. O que seria uma pena.

SARTRE conquistou todo mundo. Até agora, havia resistências contra o homem e sua obra, mercê do conceito errado que circunou em torno do rótulo «existencialista». O homem é sério, seríssimo, paciente (pacientíssimo com os credores profissionais da entrevista, com as histórico-intelectuais de salões de conferência, com as chamadas figuras de alta sociedade). No interior e na capital, pessoalmente e por seus livros, em grupos restritos ou em grandes ambientes, constituiu-se na primeira personalidade estrangeira do nosso ano literário. Só não gostaram dele os cronistas sociais e adjacentes, o que deve é ser contado mérito a mais a seu favor (dele. Sartre).

CURIOSO! Mais uma colônia de férias (terreno para) oferecida aos escritores. Já se sabe que os assim chamados escribas terão colônias de férias nas praias, nas montanhas, no campo, se puderem construir em todos os locais oferecidos. A UBE vai aceitando. Só com isso compõe seu patrimônio. Nas rodas de escritores maliciosos circula o dito de que os mencionados exercitantes continuam preferindo as repartições públicas para suas férias.

SOLENE, brilhante, colorido, vitorioso nas salas de conferências e nas demonstrações de praça pública, o Mês do Folclore (agosto). O ciclo de conferências realizado sempre com excelente audiência na Biblioteca Municipal reuniu folcloristas com cineastas, teatrólogos, romancistas, musicistas, jornalistas visando ao aproveitamento do populário nas várias manifestações artísticas. O festival promovido na Praça da República revelou a multidão e numerosos grupos de turistas americanos do norte e europeus, a riqueza do folclore paulista atra-

de uma civilização autêntica, em substituição às civilizações que se estão desagregando... Entretanto a nossa posição entre o Oriente e o Ocidente, nem a opção entre dois sistemas de pensamento e duas concepções técnicas de valorização dos recursos mundiais. Preocupados despertar a reflexão dos países ajudando-os a compreender que não é mais possível aferrar-se a posições ultrapassadas...

BANCO ALFOMARES S/A

Desconto - Cobrança - Cheques - Cadastro

Rua Dr. Trajano, 581 - Tel. 2770 - LIMEIRA



O NOSSO ANIVERSÁRIO Transcorre no mês de outubro do corrente ano mais um aniversário de LETRAS DA PROVÍNCIA, sob a orientação geral do Prof. João de Sousa Ferraz, seu redator-responsável, e direção administrativa do Prof. Octávio Pimenta Reis. Possui um quadro de redatores-correspondentes em diferentes países, e um amplo corpo de colaboradores efetivos e de colaboradores eventuais nacionais e estrangeiros.

II CONGRESSO DE ENSINO NORMAL Realizou-se em Maringá, de 1 a 10 de setembro, o II Congresso do Ensino Normal, por iniciativa da Profa. D. Diva H. Vidal, Chefe do Ensino Normal da Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Paraná. Estiveram presentes representantes de todas as escolas normais secundárias e regionais do Estado vizinho, além de professores convidados do Rio Grande do Sul, de São Paulo e da Guanabara, para palestras e conferências. A organização e direção geral do Congresso, a cargo da Profa. Judith Carneiro de Mello, figura de relêvo no ensino paranaense, contou com a colaboração de elementos do Centro de Pesquisas do Paraná, de diretores do ensino normal do Estado e de conferencistas convidados, professores: Imideo Giuseppe Nérice, da CADES, do Rio, Nair dos Santos, do Instituto de Educação «Caetano de Campos», de São Paulo, e João de Sousa Ferraz, do Instituto de Educação «Castelo Branco», de Limeira.

VISITANTE Estêve em visita à nossa redação, acompanhado de sua exma esposa, o escritor R. Caltofen Segura, redator-correspondente de LETRAS DA PROVÍNCIA em Paris. S. s., que par-

ticou de um congresso do PEN Clube, no Rio de Janeiro, visitou Brasília, São Paulo e Limeira, rumando a seguir para Lima e Cuzco, no Peru, e Bogotá, na Colômbia.

CONCURSO DE LITERATURA SOCIAL A Editorial Americana de Buenos Aires, está preparando o «Segundo Concurso de la Literatura Social Latinoamericana», com um prêmio de \$20.000 (m. a.), além dos direitos autorais e publicação do livro por conta da Editora, em sua Biblioteca de Cultura. «O objetivo do Concurso é promover um melhor conhecimento dos problemas sociais latinoamericanos mediante a polêmica e o enfrentamento claro de estudiosos e escritores, sem barreiras políticas, religiosas ou ideológicas». (Os interessados poderão dirigir-se diretamente à: Srta. Paulina Landolfi, Editorial Americana, Tucumán, 353, Buenos Aires, Argentina).

CONGRESSO DE FILOSOFIA Deverá realizar-se em Costa Rica, pela Federação Interamericana de Filosofia, o II Congresso Interamericano Extraordinário de Filosofia, no mês de julho de 1961, com sessão plenária de Ontologia, seções de estudos de: Teoria das Ciências, Filosofia e Didática do Ensino da Filosofia. Entre os sulamericanos convidados para o certame está o Prof. João de Sousa Ferraz.

EXPOSIÇÃO Inaugurou-se, na capital, a 28 de setembro, estando aberta ao público, na Galeria de Arte São Luís (Rua São Luís, 130), uma exposição de pinturas de Cyro Del Nero.

PSICOLOGIA HUMANA
do Prof. João de Sousa Ferraz
Pedidos à EDEPSA - Rua Dr. Trajano, 572

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante analisarmos os motivos do sucesso inicial do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Na medida em que a escritora e sua produção eram consideradas exóticas, já não se verificava a sua qualidade literária, mas sim seu suposto exotismo. Esse é um dos tantos motivos pelos quais a escritora não conseguiu se manter no “círculo dos letrados no Brasil”. É essencial que se conheça outra versão da história da narradora, lacuna esta que deve ser preenchida. Ao longo de seu percurso como a pobre e favelada que escrevia, Carolina contou com a fama, mas também com a indiferença de um cânone elitista que ainda julga sua literatura. Isso reflete o complexo mecanismo no qual fronteiras são assentadas na tentativa de classificar determinados grupos ou pessoas, delimitando os que podem pertencer e ocupar determinados lugares sociais e os que não têm direito algum de fazê-lo.

Em abril de 2017, Carolina Maria de Jesus foi homenageada na Academia Carioca de Letras. Dias depois da homenagem, circulava nas redes sociais textos que revelavam um desconfortável acontecimento que se deu durante a homenagem. Um desses textos foi escrito pela poeta, atriz e cantora Elisa Lucinda e foi intitulado de “A grande gafe eurocêntrica ou o desrespeito à Carolina de Jesus na casa da palavra ou isso não vai ficar assim” e publicado na rede social *facebook* para dar visibilidade à situação como forma de protesto. Nele, Lucinda escreve um texto em que expõe sua perplexidade e revolta diante da fala de um professor de literatura, membro da referida Academia, convidado a participar do evento em homenagem à escritora.

Responsável por dar início à cerimônia, o acadêmico, “com aquele antigo desprezo que se oferece às artes não brancas nesse eurocêntrico domínio”, utilizando as palavras de Lucinda, afirmou, com toda a convicção, que aquilo que Carolina escrevia não era literatura. O que Carolina escrevia, segundo ele, poderia ser um diário, mas literatura não. Os motivos alegados? Pelo fato de os textos terem períodos curtos e pobres, Carolina, sendo semianalfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, daí a presença dos tais períodos curtos. Dessa forma, o professor demarcava a fronteira que estabelecia o que era literatura e o que, segundo ele, não poderia ser de modo algum, classificando e hierarquizando o processo responsável por produzir diferenças. A imposição dessa fronteira sobre a escrita de Carolina tinha como objetivo colocá-la como não pertencente àquele universo que, paradoxalmente, era responsável por homenageá-la. No texto escrito por Elisa Lucinda ela relata:

[...] Ivan Proença começa elogiando a Carolina, o seu relato em Quarto de despejo enquanto traz um exemplar de 1966 nas mãos, uma raridade, publicado por iniciativa de Audálio Dantas, o jornalista que ao fazer uma reportagem na Fazenda de Canindé viu uma moradora catadora de papel, negra, protestando contra as injustiças e invasões na favela e ameaçando: “Vocês vão ver, vou botar todos no meu livro”. A palavra livro vindo assim da boca preta da pobreza, vindo aparentemente do improvável, despertou a curiosidade e aguçou as competências jornalísticas investigativas, sociológicas do sagaz profissional. E, de uma hora pra outra, a catadora de papel estava publicada, e publicada em 24 países. Assim, num átimo tal qual Caymmi nos trouxe a vida do pescador, Carolina traz para nós, com palavras, o clima, o ambiente diário dos perenemente excluídos nas favelas. Ia tudo muito bem no discurso do acadêmico até a hora em que, com a sagrada edição na mão, objeto de colecionador, diga-se de passagem, o homem brada, com aquele antigo desprezo que se oferece às artes não brancas nesse eurocêntrico domínio, e afirma, seguro como um cientista: “Só tem uma coisa, isso não é literatura”. Estarreci. Teria me desligado? Ouvi mal? Não poderia ser da Carolina que ele falava. Era. “Isso pode ser um diário e há inclusive o gênero, mas, definitivamente, isso não é literatura”, continuou. “Cheia de períodos curtos e pobres, Carolina, sem ser imagética, semi analfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, por isso esses períodos curtos”. E seguiu destituindo sem o menor constrangimento a internacional obra da homenageada. (GOMES, 2017)

E deu prosseguimento:

Martinho da Vila me apresentou com carinho, me tirando das ideias de vingança que vinham em bandos do lado esquerdo do pensamento. Para me acalmar e não bater o tambor da intolerância numa hora delicada, iniciei dizendo o poema do Semelhante que deu nome ao meu primeiro livro, e que prega a igualdade na diversidade entre os seres. E prossegui dali: Se me perguntarem o que mais me incomoda no epidêmico e sistemático racismo direi que é o olhar que depositam sobre nós a proferir as mesmas mudas perguntas: “Como ousas? O que você está fazendo aqui? Você não sabe que aqui não é o seu lugar?”. Sem flagrante aparente, mas intimidadora essa pergunta é feita com o olhar e não deixa dúvidas. Portanto, herdeira da coragem dessa mulher que no ano que nasci foi descoberta por escrever o seu olhar nos papéis que catava e os quais reciclava em cadernos, venho exaltar o seu escrito. Citei trechos de sua safra genial. Faca. Lâmina. Soco na boca do estômago: “Quem inventou a fome, são os que comem”. “Quem não tem amigo, mas tem um livro, tem uma estrada.”, “Fiz o café e fui carregar água, olhei o céu a Estrela Dalva já estava. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários”. E perguntei à essa altura à emocionada plateia: Isso não é literatura? Me desculpe, senhor Ivan Cavalcante Proença, o que Carolina Maria de Jesus fez chama-se Literatura e por isso estamos aqui, e por isso a tradução em tantas línguas, e por isso o maravilhoso livro Quarto de despejo que fez com que a referida autora fosse tema do Fórum das Letras de Ouro Preto, idealizado e concebido pela maravilhosa escritora Guionmar de Grammont, editora da melhor qualidade, conhecida como curadora de Feiras Literárias internacionais. Nesse fórum foi lançado um livro em sua homenagem: Memorialismo e Resistência-estudos sobre Carolina Maria de Jesus. (GOMES, 2017)

A Revista *Fórum*, em seu site, também divulgou o ocorrido e reproduziu as palavras do professor sobre a obra de Carolina durante a homenagem: “É o relato natural e espontâneo de uma pessoa que não tinha condições de existir por completo”, afirmou. E ainda completou: “Ouvi de muitos intelectuais paulistas: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’”.

A primeira constatação que cabe iluminar remete à "memória da leitura" promovida pela colocação a público, nos idos de agosto de 1960, do livro *Quarto de despejo*, de autoria de Carolina Maria de Jesus. Pessoas que viveram aquele período guardam com certa nitidez o impacto do livro em suas vidas. Os jovens, ao contrário, pouco ou nada sabem a propósito desse trabalho. Coerente com o "apagamento" da memória da contracultura, o livro de Carolina correu pela vala do esquecimento como se não tivesse tido importância singular em nossa história da cultura. Vale ressaltar que não se fala apenas de um esquecimento corriqueiro visto que o livro em questão tem cerca de um milhão de cópias vendidas em todo mundo, sendo, inclusive, o texto brasileiro mais publicado em todos os tempos. Estas colocações trazem outro ponto importante para a definição de nosso tema de estudo: o tipo de emissor e o lugar da emissão. Porque aproximada exclusivamente do código culto, a literatura se distingue por ser expressão maior da cultura de elite. Advogando a existência e representatividade da cultura popular, procura-se abrir espaço para a suposição de que pobre, semialfabetizado, marginalizado também merecem seu lugar literário na cena nacional. (MEIHY, 1998)

A obra de Carolina, após 60 anos de sua publicação, permanece extremamente atual, seja porque permite que compreendamos muitos processos sociais e históricos, seja porque permite que nos debruçemos sobre um território de opressões vivenciadas por essa mulher protagonista. O fato é que a escrita individual de Carolina foi moldada no livro com o fim de estabelecer uma imagem ideologicamente coerente com o modelo configurador de um sujeito a quem era dada uma voz de protesto. Entretanto, essa voz, sempre silenciada, precisou de uma outra voz – a de um homem branco, para ser ouvida. Em entrevista à pesquisadora Raffaella Fernandez, percebemos pelas declarações de Audálio Dantas a incrível descoberta jornalística.

...Eu estava fazendo a reportagem e quando ela surgiu falando que tinha um livro que ia botar o nome das pessoas no livro, eu quis saber qual era. E ela me convidou para ir à casa dela e eu fui e descobri os cadernos... e havia ali contos, poesias, provérbios, parece que até um romance, mas o que me chamou atenção foi o diário começado em 1955. Esqueci o mês, acho que é março. **Esse diário foi ponto de partida para a reportagem que eu fiz. Praticamente foi o diário que substituiu a reportagem na qual eu iria descrever o que eu tinha assistido naqueles três dias na favela...** (DANTAS, 2014 Apud FERNANDEZ, 2014, grifo nosso).

E acrescenta, respondendo à pergunta da pesquisadora sobre algum tipo de instrução dada em relação à escrita: “A minha discussão com ela se restringia ao tipo de coisa que ela escrevia. Eu acho que o grande valor dos textos da Carolina está exatamente nos diários porque eles constituem documentos importantes.” (DANTAS, 2014 Apud FERNANDEZ, 2014).

O sucesso de Carolina Maria de Jesus durou pouco. Na tentativa de dar continuidade à publicação de livros, foi aconselhada por Audálio Dantas a desistir, visto que sua mensagem já havia sido transmitida. Segundo Philippe Lejeune, “Escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio

reservado aos membros das classes dominantes. O “silêncio” das outras classes parece totalmente natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres” (LEJEUNE, 2008, p.113). De fato, para Carolina, a condição de favelada estava diretamente ligada ao silenciamento imposto sobre a sua voz. Para ela, estar na “sala de visitas” garantiria a conquista ao direito à fala. Ela também relatava que o desejo de ver seu nome na capa de um livro foi algo que lhe trouxe uma imensa alegria – que, lamentavelmente, durou pouco.

Com o dinheiro das vendas do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus comprou uma casa de alvenaria em São Paulo. Ela continuou a escrever seus diários, tendo como mola propulsora o ressentimento. Na tão sonhada casa de alvenaria, mostra uma outra compreensão a respeito da humanidade, e, embora sonhasse com um mundo ideal, decepciona-se. Carolina teve a chance de ser ouvida, de erguer-se, de conquistar sua casa de alvenaria. Porém, depois de perder a fama, além de triste, está cansada e sem grandes perspectivas, sem grandes sonhos a seguir. A falsa esperança gerada pela publicação de *Quarto de Despejo* a fez sofrer e adoecer. Em 1976, *Quarto de Despejo* é relançado no Brasil, pela Ediouro, com a chamada de “relançado o livro que o povo consagrou”, porém, já sem o sucesso da primeira edição. Visivelmente abatida, já mais velha e desiludida, a escritora passa por um processo de declínio.

Figura 34- Carolina no relançamento de *Quarto de Despejo* - 1976



Fonte: <https://instagram.com/kitabulivraria>

Esquecida pela mídia e pelo jornalista, Carolina Maria de Jesus se muda para um sítio em Parelheiros, interior da cidade de São Paulo, onde tenta se refugiar com aparente exaltação que é vitoriosa pelo fato de ter saído da favela, e, em dois anos, ter se tornado uma renomada

escritora. Contudo, é paradoxal seu sentimento: mesmo convicta de que é uma vencedora, sente-se rejeitada e excluída da “sociedade branca”. Esse discurso contraditório é a base de sua memória ressentida. Cansada, asmática, esquecida pelo mercado editorial, sem dinheiro, morreu no dia 13 de fevereiro de 1977, aos 63 anos.

Assim, diante de todos os documentos, relatos e pesquisas, entendemos que apesar da importância de Audálio Dantas enquanto editor da obra *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*, além de ter sido a ponte possível para Carolina sair da favela, a obra não condiz com o discurso utilizado para sua divulgação e venda. Houve direcionamento da escrita, alteração nos manuscritos e supressões que fizeram com que a obra tivesse a recepção almejada pelo mediador. Mais uma voz preta que não se encaixou numa sociedade de valores estereotipados, que se coloca na sala de visitas. Como diz Spivak (2010), “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher’ como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.” (SPIVAK, 2010, p.126)

Figura 35- Carolina Maria de Jesus em seu sítio, em Parelheiros, 1969



Fonte: <https://blogs.oglobo.globo.com/>

Figura 36- Reportagem sobre Carolina Maria de Jesus em Parelheiros, 1969

Carolina prepara nôvo livro e envia sugestão ao Presidente

Afinal, da favela do Canindé ela só recebeu o título de "Cidadã Paulistana" quando alcançou a fama. Esta se foi e com ela o esquecimento dos momentos solenes.

Hoje, de tudo, só guarda uma lembrança: da favela. E, justamente devido à experiência que acumulou com o "Quarto de Despejo", da favela ela se recorda apenas para estabelecer a mudança que houve em sua vida. Num terrentinho comprado com o pouco dinheiro que recebeu da venda de seus livros, não vive melhor do que qualquer outro pobre caboclo desta País, mas, agora, não teme a fome, vê o mundo, interessa-se por ele, estuda, escreve.

Carolina Maria de Jesus tem terreno e casa própria no subdistrito de Parelheiros, a 40 quilômetros do centro de São Paulo. Com ela moram seus três filhos — João, com 21 anos, tecelão; José Carlos, 19 anos, matriculado na primeira série ginásial e encarregado da pequena venda na beira da estrada, que completa a relação dos bens da família, e Vera, de 16 anos, aluna da segunda série do

ribeira que é mais porque os filhos a proibiram.

Ao lado de Jorge Amado, Carolina deve ser a escritora brasileira mais traduzida no exterior. "Quarto de Despejo", seu primeiro e maior sucesso, foi editado em 23 países, incluindo a Rússia e o Japão, além da Inglaterra, Estados Unidos, França, Itália, Alemanha, Holanda e outros da Europa e da América Latina. Esse livro roubou Carolina da favela. No auge do sucesso, frequentou a sociedade em noites de autógrafos e coquetéis. Viajou para o exterior representando a intelectualidade do País. Ganhou o título de Cidadã Paulistana e posou no lado da políticos e até do Presidente.

Veio a queda, acabaram-se a fama e o pouco dinheiro dos livros ido exterior não recebeu quase nada em direitos autorais. Carolina, porém, conseguiu evitar a volta à favela. Foi para uma casa de tijolos, onde escreveu "Casa de Alvenaria", e completou a sua obra que inclui "Pedço da Fome" e "Provérbios".

Hoje, apesar de descalço e das mãos caledadas pelo cabo da enxada, Carolina confessa-se "falta da vida". Possível-



A FAMA NÃO ROUBOU DE CAROLINA A HUMILDADE DA FAVELADA

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Sergio da Silva. **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento; MG: Bertolucci Editora.

BERND, Zilá. Figurações do deslocamento nas literaturas nas Américas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 30, p. 89-97, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2053/1616>. Acesso em: 02 set. 2018.

BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor. Notas para sua história. **Em Questão**, v.11, n. 2, p.219-237, jul./dez. 2005. Porto Alegre: Fabico/UFRGS. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/119/77>. Acesso em: 17 mar. 2020.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial/Ed.UNESP, 1998.

DALCASTAGNÊ, Regina (2007). A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias no narrativo contemporâneo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p 18-31, dez. 2007.

DANTAS, Audálio. **A atualidade do mundo de Carolina**: prefácio. In: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo. São Paulo: Ática, 2015.

EVARISTO, Conceição. Da representação a autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, Brasília, ano 1, n.1, ago. 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005. p. 201-212.

FARIAS, Tom. **Carolina, uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDEZ, R. A. (2014). Entrevista com Audálio Dantas. **Scripta**, v. 18, n. 35, p. 305-314, 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/8822>. Acesso em: 06 out. 2019.

GOMES, Elisa (Elisa Lucinda). A grande gafe eurocêntrica ou O desrespeito à Carolina de Jesus na casa da palavra ou Isso não vai ficar assim. Rio de Janeiro, 20 de abr. 2017.

Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/elisalucinda/posts/1289284134489348/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GURGEL, Veronica Torres (2016). CHARTIER, Roger: O que é um Autor? Revisão de uma genealogia. Revisão de uma genealogia. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 19 n. 2, p. 16-22, jun./set. 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2015.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LONGO, Iván. Professor branco diz que obra de Carolina Maria de Jesus não é literatura e provoca embate no RJ. **Fórum**, 20 abr. 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/professor-branco-diz-que-obra-de-carolina-maria-de-jesus-nao-e-literatura-e-provoca-embate-no-rj/>. Acesso em: 02 set. 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo. **Comissão de Direitos Humanos**, 1998. Disponível em:

<http://www.oocities.org/athens/aegean/9837/meihyusp.html> Acesso em: 10 out. 2019

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus. **Antologia pessoal**. [Rio de Janeiro]: Ed. UFRJ, 1996.

SANTIAGO, Silviano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. In: CHIARELLI, Stefania; NETO, Godofredo Silva (org.). **Falando com estranhos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Entrevista

AUDÁLIO DANTAS

Raffaella Andréa Fernandez*

Raffaella Fernandez: Quando o senhor encontrou Carolina Maria de Jesus, vocês foram diretamente ao barraco dela ou marcaram um encontro para outro dia?

Audálio Dantas: Não, não imediatamente, na verdade eu estava na favela já uns três dias. Eu estava fazendo a reportagem e quando ela surgiu falando que tinha um livro que ia botar o nome das pessoas no livro, eu quis saber qual era. E ela me convidou para ir à casa dela e eu fui e descobri os cadernos. Ela tinha muitos cadernos... e havia ali contos, poesias, provérbios, parece que até um romance, mas o que me chamou atenção foi o diário começado em 1955. Esqueci o mês, acho que é março. Esse diário foi ponto de partida para a reportagem que eu fiz. Praticamente foi o diário que substituiu a reportagem na qual eu iria descrever o que eu tinha assistido naqueles três dias na favela. Logo, imediatamente, qualquer pessoa com o mínimo de sensibilidade veria que aquele diário tinha uma importância muito grande porque ele era um documento.

Porque não era um simples diário, uma narrativa do dia a dia, mas era alguma coisa narrada com grande força descritiva, grande capacidade de observação e alguns momentos com muita força literária mesmo. Evidentemente foi isso que me chamou a atenção. E, como eu disse, ao invés de escrever uma reportagem, eu fiz uma apresentação desse diário, um pouco da história de Carolina e o resto foi transcrição de trechos do diário.

RF: Como era o local da escrita onde ela produzia? Havia uma mesa?

AD: Ela tinha uma pequena mesa, e estes cadernos estavam em um armário do tipo daquelas antigas cristaleiras. A maioria era caderno encontrado no lixo, caderno já usado em parte, e ela ia aproveitando tudo que encontrava para poder escrever.

RF: Então ela escrevia mesmo em papel de pão e folha papelão ou isso é mito?

AD: Não, folha de papelão eu não me lembro de nenhuma não.

RF: Papel de pão?

* Entrevista realizada com Audálio Dantas, no dia 22 de março de 2014, no evento "Prazer em (re)conhecer, sou Carolina!", na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, por ocasião das comemorações do centenário de Carolina Maria de Jesus.

Raffaela Andréa Fernandez

AD: Papel de pão eventualmente, mas os diários que eu editei eram todos em cadernos.

RF: Principalmente reutilizados, cadernos antes usados por criança, não é?

AD: Sim! não só por criança... eram cadernos de contabilidade, cadernos de entrada e saída de mercadoria, coisa que ela ia encontrando... Alguns eram cadernos escolares mesmo!

RF: Eu cheguei a ver apenas um caderno de conta. Aquele que fica no Museu Afro e fiquei com uma dúvida se este caderno teria sido microfilmado ou não...

AD: Não, aquele caderno é meu; cedi ao Museu Afro Brasil com uma condição de devolução. Até agora não me devolveram, mas provavelmente eu vou buscá-lo de volta.

RF: Qual projeto editorial o senhor tinha em mente quando resolveu publicar Carolina Maria de Jesus?

AD: Eu não tinha propriamente um projeto editorial, porque eu não era editor. Era jornalista, mas a repercussão da reportagem, principalmente quando saiu a segunda reportagem na revista **O Cruzeiro** – porque eu me transferi da **Folha** para a revista **O Cruzeiro** em 1959 – e a reportagem de **O Cruzeiro** teve uma repercussão muito grande e um amigo meu que era editor executivo da editora Francisco Alves, Paulo Dantas (não é meu parente direto, pode ser até muito distante), romancista, pessoa

muito sensível, muito meu amigo, perguntou se eu estava disposto a fazer a decupagem dos cadernos para um livro. Eu disse, claro que sim! Porque essa ideia do livro surgiu no mesmo dia em que eu cheguei com os diários na redação da **Folha**, a antiga **Folha da Noite**, de São Paulo. Qualquer pessoa com mínimo de sensibilidade percebia, que aquilo lá teria uma grande importância, e, portanto seria um livro.

RF: Certo, e como o senhor resolveu as contradições de Carolina de Jesus durante o processo de edição?

AD: Olha, no processo de edição, na verdade, ela não interferiu em nem um momento. Ela era uma pessoa que buscava isso. Ela queria publicar livro. Ela queria mais publicar as poesias e os contos, mas o que apareceu foi diário. E, o que houve é que ela tinha momentos de grande euforia e de grande ... como se chama isso? O contrário de euforia?

RF: Melancolia, tristeza, apatia...

AD: Sei lá... ela tinha momentos de tensão... baixava o moral, aquela coisa... E ela, antes de começar a edição do livro, depois de publicada a reportagem na **Folha**, ela achou que eu deveria ter devolvido o caderno já, por que eu trouxe o caderno do diário, só um. Ela foi a recepção da **Folha**, lá na Barão de Limeira, fez um escândalo achando que eu estava e não queria devolver o caderno. Ela achava que eu deveria ter devolvido o caderno, mas

isso era um dia; no outro dia ela já estava maravilhosamente encantada com a vida. Tinha altos e baixos. Eu percebi que eu teria problemas ali, mas que ali havia um fato importante e continuei trabalhando.

RF: Qual a quantidade de cadernos anotados por ela quando senhor viu pela primeira vez? Havia desenhos ou eram compostos apenas por textos?

AD: Havia, eu não sei exatamente, mas cerca de vinte cadernos. Desenhos não que eu conheça, não tinha nenhum desenho dela.

RF: Esses cadernos foram todos escritos em São Paulo ou havia textos que ela já teria escrito em Sacramento?

AD: Eu tenho impressão que, não em Sacramento, mas que ela tinha escrito aqui em São Paulo. Antes desse diário ela pretendia, como eu disse, muita coisa ela pretendia. inclusive, ser atriz, cantora, uma série de coisas. Era uma pessoa em busca da glória... De forma que havia esses cadernos, antes, deste havia contos, essas coisas, mas o que eu levei para trabalhar foram os cadernos de diário que ela havia interrompido.

RF: O senhor não se recorda se chegou a perguntar para ela se ela havia escrito em Uberaba?

AD: Não perguntei, mas eu tenho a impressão que não. Que ela começou a escrever em São Paulo

RF: Quais eram os gêneros escritos pela autora. Eles estavam separados por cadernos ou estavam mesclados num

mesmo?

AD: Havia alguma separação, mas em muitos casos ela aproveitava o mesmo caderno. Terminava uma coisa e continuava outra, escrevia uma poesia aqui uma poesia lá. Ela misturava um pouco essas coisas.

RF: Sabemos que Carolina de Jesus reescrevia seus textos. Cotejando os originais, notei alguns cadernos mais deteriorados, inclusive aqueles que foram atirados numa poça d'água pela família Jesus, segundo Vera Eunice. Também cheguei a ter contato com aqueles que ela carregava junto a seu palmilhar cotidiano, e que curiosamente ainda estão impregnados de certo odor de lixo. Nestes cadernos a escrita é mais desorganizada, assim como a gramática menos trabalhada. Fiquei me perguntando se esses teriam sido os primeiros cadernos de Carolina de Jesus escritos na favela.

AD: Pode ser que esses sejam cadernos que não estiveram comigo.

RF: São alguns daqueles que estão no Arquivo Municipal de Sacramento, em Minas Gerais.

AD: Bom pode ser... no Arquivo Municipal de Sacramento Sacramento, pode ser... Pode ser que a Vera Eunice tenha passado, porque os que eu tenho eram cadernos que tinham alguns provérbios, contos, poesia, etc...mas os que trabalhei diretamente foram os

cadernos dos diários.

RF: Os onze cadernos que ainda não foram microfilmados e nem digitalizados pela Biblioteca Nacional?

AD: Eu não sei o que a biblioteca fez, porque a ideia era exatamente esta: microfilmar e deixar os cadernos como documentos. Eles são documentos importantes.

RF: O senhor chegou a ver livros no barraco de Carolina ou referências do que ela lia? Eles estavam escritos, ou tinha algum indício de leitura?

AD: Não. Ela tinha algum livro meio desordenadamente. Certamente ela lia esses livros porque na escrita dela isso fica evidente. Primeiro porque ela gostava de ler e segundo fica evidente que ela adquiriu condição para escrever. Eu acho que qualquer pessoa que é leitora tem melhor condição de escrever, e, ela usava expressões que não eram do dia a dia, não eram da linguagem comum. Ela usava expressões da norma culta, que muitas vezes soavam estranhas no meio daquele diário, e, principalmente no meio da escrita dela. Do ponto de vista gramatical apresentava vários erros, mas estes erros não tiram a importância do texto.

RF: O senhor chegou a ver que livros eram?

AD: Não tive tempo de observar quais eram esses livros.

RF: O senhor chegou a entregar cadernos novos, canetas ou lápis para ela escrever?

AD: Não, ela nunca me pediu, e, curiosamente, nem me ocorreu isso. Não cheguei a fazer isso.

RF: Saberíamos dizer qual era a média de tempo que Carolina de Jesus levava para ela preencher um caderno?

AD: Não. Tenho a impressão que ela concertava, principalmente quando ela descrevia o dia-dia, cadernos em que há pouco tempo registrado, trechos muito grandes, dias que ela se estendia não só nos acontecimentos, assim como nas considerações que fazia, os comentários que fazia, as observações que fazia. Dependia, tinha dias que ela escrevia pouco, dependia do estado de espírito.

RF: Ela carregava os cadernos para escrever nas ruas?

AD: Muitas vezes sim. Ela parava, sentava e começava a escrever. Escrever para ela era uma coisa vital. Era, digamos, quase uma compulsão.

RF: Houve algum tipo de instrução por parte do senhor ou de outros intelectuais, artistas como Paulo Dantas em relação a composição, organização ou sugestões para escrita de Carolina de Jesus?

AD: Não. A minha discussão com ela se restringia ao tipo de coisa que ela escrevia. Eu acho que o grande valor dos textos da Carolina está exatamente nos diários porque eles constituem documentos importantes. Ao mesmo tempo em que revelam sua capacidade de